



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL  
Instituto de Geociências  
Departamento de Geografia  
Curso de Graduação em Geografia



## **AS ARENAS ESPORTIVAS EM PORTO ALEGRE: MODIFICAÇÕES NOS ESPAÇOS DO TORCEDOR A PARTIR DA COPA DO MUNDO**

CÉSAR BERZAGUI

Porto Alegre  
2014

CÉSAR BERZAGUI

**AS ARENAS ESPORTIVAS EM PORTO ALEGRE: MODIFICAÇÕES NOS  
ESPAÇOS DO TORCEDOR A PARTIR DA COPA DO MUNDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharelado em Geografia pelo curso de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Rodrigues Soares

**Porto Alegre  
2014**

### CIP - Catalogação na Publicação

Berzaqui, César

As arenas esportivas em Porto Alegre: modificações nos espaços do torcedor a partir da Copa do Mundo. / César Berzaqui. -- 2014.  
60 f.

Orientador: Paulo R.R. Soares.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Bacharelado em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Estádios de Futebol. 2. Globalização. 3. Copa do Mundo. 4. Torcedor. I. Soares, Paulo R.R., orient. II. Título.

*Ao meu avô Pedro e à camisa de Airton  
"Pavilhão".*

## AGRADECIMENTOS

Antes que nada, devo agradecer à minha família, aos meus pais Cláudio e Rejane e ao meu irmão Guilherme pelo apoio, carinho e convívio de cada dia. Sem vocês nada disso seria possível.

Ao meu avô Pedro, principalmente, que segue vivo nos seus exemplos e nos dando guarida desde o oriente eterno; a minha Avó Orphila, que, mesmo eu não cabendo mais embaixo do chamego, segue me dando muito colo; e ao meu avô Delmar, sempre inventivo nos seus auxílios.

Agradeço à Lívia pela cumplicidade fundamental.

Aos amigos da “Ocho” que me deram o prazer em crescermos juntos, em especial ao Rafael que, entre discos e um fiapo de manga ou outro, me deu a alegria de ver o Futebol (ou *Balípodo?*) de uma maneira diferente, essencial nas discussões do tema (e da vida!).

Ao Professor “Paulinho”, que me deu a grande oportunidade de desenvolver o assunto deste trabalho e pela empolgação com o tema. Agradeço enormemente teus ensinamentos e interesse! Após quase três anos dedicados ao tema, primeiro de forma autônoma e depois com auxílio da Universidade, entendo que ainda possa existir certo preconceito na comunidade acadêmica geográfica ao abordar essa modalidade esportiva tão popular.

Agradeço aos que em maior ou menor grau deram suas contribuições no meu trabalho com opiniões, conhecimentos e incentivos.

Por fim, à camisa de Airton “Pavilhão” (antigo *beque* gremista), perdida na poeira do tempo, com a qual meu avô presenteou meu pai quando criança. Romanceando, de certa forma um dos fatores preponderantes e motivadores da existência desse trabalho.

*Muchas gracias!*

## RESUMO

No período de 15 a 30 de Junho de 2014, Porto Alegre recebeu cinco partidas da Copa do Mundo FIFA de Futebol. O período de “preparação” para a realização do Mundial, no entanto, não se resume aos poucos meses antecedentes, uma vez que a longa trajetória da Cidade para ser integrada aos fluxos de uma economia global foi condição *sine qua non* para ter realizado o torneio. A centralidade de evento se materializa no estádio, no caso da capital gaúcha, o Estádio Beira-Rio, completamente reformado e modificado. No mesmo movimento de construção das arenas esportivas para o Mundial, o Grêmio F.B.P.A. se aproveitou de incentivos fiscais e financeiros para a construção do seu novo estádio. O Futebol é uma componente importante da cultura popular brasileira e gaúcha, organizando espaços de socialização e significação simbólica tendo tal temática como plano de fundo. A partir da reforma/supressão de tradicionais *espaços do futebol* tendo como mote a Copa, se observou uma desorientação e incomodo por parte dos torcedores. O presente trabalho se propõe a apontar, partindo da mudança dos Estádios ocasionada pela Copa do Mundo, indícios da relação simbólico/afetiva dos torcedores de Internacional e Grêmio com os *espaços do futebol*. Para tanto, foram remontados alguns aspectos históricos e o percurso de Porto Alegre até assumir seu papel na atual economia - e de como esse papel foi importante para ser parte do Mundial. Foram apresentados também alguns parâmetros e custos globais da construção das novas Arenas Esportivas e expostos, de forma breve, aspectos históricos dos clubes que se julgam necessários para o entendimento do assunto.

**Palavras Chave:** Estádios de Futebol, Globalização, Copa do Mundo, Torcedor, Grêmio F.B.P.A, S.C. Internacional.

## ABSTRACT

In the period of June 15th to June 30th, Porto Alegre hosted five matches of the FIFA World Cup. However, the preparing period to the realization of the tournament predates earlier times, once the integration of the City to the global economy flows is sine qua non condition. The centrality of the event materializes in the Stadium, in Porto Alegre case, the Beira-Rio Stadium, completely reformed and modified. In the same movement of construction of the World Cup Sports Arenas, Grêmio F.B.P.A took advantage from financial incentives and lower taxes to construct their new stadium. The Football is an important element of Brazilian and Gaúcha popular culture, organizing socializing spaces and symbolic significance to this theme as background. Since the reform/suppression of the traditional football spaces having the FIFA Cup as motto was observed disorientation and discomfort coming from the football supporters'. This study aims to point evidences of symbolic/affective relationships of Internacional and Grêmio supporters' with the football spaces up from their Stadiums changes' caused by FIFA 2014 World Cup. For that, were reassembled some historical aspects of Porto Alegre and the ride to fulfill their role in the current economy – and how this role was important to be part of the World Cup. Were presented some parameters and overall costs of building the new Sports Arenas and briefly constitute some historical aspects of the Clubs we deem necessary to understand the topic.

**Keywords:** Football Stadiums, Globalization, World Cup, Football Fans, Grêmio F.B.P.A, S.C. Internacional.

## RESUMEN

En el período del 15 al 30 de Junio del 2014, Porto Alegre recibió cinco partidos del Mundial FIFA de Fútbol 2014. El período de “preparación” para la realización del Mundial, sin embargo, no se resume a los pocos meses antecedentes, una vez que la larga trayectoria de la Ciudad para ser integrada a los flujos de una economía global fue condición *sine qua non* para que haya realizado el torneo. La centralidad del evento se materializa en el Estadio, en el caso de capital *gaúcha*, el Beira-Rio, completamente reformado y modificado. En el mismo movimiento de construcción de las Arenas Deportivas para el Mundial, el Grêmio F.B.P.A tomó ventaja de los incentivos fiscales y financieros para la construcción de su nuevo estadio. El Fútbol es una componente importante de la cultura popular brasileña y *gaúcha*, organizando espacios de socialización y significación simbólica con esta temática como telón de fondo. A partir de la reforma/supresión de tradicionales *espacios de fútbol* como principal factor el Torneo FIFA, se observó una desorientación y malestar por parte de los *fans* (hinchas). Este estudio se propone apuntar, teniendo como referencia el cambio de los Estadios causado por el Mundial, algunos indicios de la relación simbólico/afectiva de los *fans* del Internacional y Grêmio con los *espacios de fútbol*. Para eso, se remontó algunos aspectos históricos y la trayectoria de Porto Alegre hasta asumir su posición en la actual economía globalizada – y de cómo esa posición fue importante para incluirse en el evento FIFA. Se presentó también algunos parámetros y costes globales de la construcción de las nuevas Arenas Deportivas y fueron expuestos, de manera breve, aspectos históricos de los clubes los cuales se valoran necesarios para el entendimiento del tema.

**Palabras Clave:** Estadios de Fútbol, Globalización, Mundial FIFA de Fútbol, Fans del Fútbol, Grêmio F.B.P.A, S.C. Internacional.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. O LUGAR, O ESTÁDIO E A COPA.....	12
1.1. A formação da metrópole de Porto Alegre .....	12
1.2. Globalização: como a Copa veio a Porto Alegre .....	18
1.3. O Estádio: a Copa e o Lugar .....	20
2. CONTEXTUALIZANDO AS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE E OS CUSTOS DE EXECUÇÃO DAS OBRAS .....	24
2.1. Dois estádios: o custo da modernização para a Copa do Mundo .....	27
2.2. Custos Globais .....	30
3. OS ESTÁDIOS DA COPA E O ESTÁDIO DO TORCEDOR .....	32
3.1. Gre-Nal: “ <i>Sportsman</i> ” e “O Clube do Povo” .....	34
3.2. Um Novo Modelo de Estádio e uma Nova Maneira de Torcer .....	38
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	49
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	51
ANEXOS .....	53

## INTRODUÇÃO

No contexto da Copa do Mundo FIFA de Futebol em 2014, Porto Alegre passou por inúmeras intervenções, que vão desde o campo urbanístico ao social, estando representadas nas novas arenas esportivas as centralidades dessas ações. Um (re)ordenamento urbano em curso na cidade se aliou às lógicas do Mundial, tolhendo mais ainda a oportunidade de decisão dos moradores em relação à construção dos bairros (e em consequência, dos torcedores), moldando cada vez mais as estruturas e a paisagem urbana conforme os fluxos econômicos.

Inegavelmente as práticas esportivas há tempo são assuntos relevantes na pauta do brasileiro médio, mais ainda quando falamos sobre a Copa do Mundo de 2014. O presente trabalho surgiu do interesse em analisar aspectos do futebol que não se resumem ao que ocorre dentro do campo de jogo, à Copa do Mundo, aos campeonatos organizados e televisionados, ou aos mega patrocinadores e os grandes montantes de dinheiro; existe uma dimensão onde habita o torcedor, o qual se relaciona de forma afetiva com esses espaços do futebol.

Os custos e os impactos gerados através da construção/reforma dos estádios sem dúvida compõem importante matéria de análise, no entanto devemos estar atentos também a outras consequências do Mundial de Futebol: a contribuição que dá ao agravamento das disparidades no perfil dos torcedores (categoria dos sócios/consumidores *versus* torcedores tradicionais) e os efeitos da “setorização”/segregação nos espaços internos das novas arenas, assim como a não inclusão de grande número de simpatizantes com as cores dos clubes. Dentro do contexto urbano, vemos diferentes níveis de hierarquização na organização e planejamento do espaço urbano, sendo que as grandes intervenções urbanísticas (e aí estão os projetos das arenas esportivas) quase sempre são disparadas por interesses econômicos alheios às lógicas e relações locais, excluindo dos espaços decisórios os grupos menos favorecidos e não integrados a essas lógicas/estruturas superiores.

À medida que foi avançando o trabalho de compilação de dados em relação a esses novos modelos de estádios em Porto Alegre, era visível a manifestação do

estranhamento dos torcedores decorrente das mudanças impostas pelo novo padrão arquitetônico/construtivo das Arenas.

A partir da visão em que o futebol é entendido como um espaço de interação social e de importante papel na carga simbólica da territorialidade das comunidades urbanas surgiu a ideia de se fazer um estudo de como a Copa contrastaria com as práticas tradicionais dos torcedores de Grêmio e Internacional. Para tanto, além contextualizarmos os projetos “*Gigante Para Sempre*” e “*Arena do Grêmio*” dentro da urbe de Porto Alegre, remontamos a integração de Porto Alegre ao sistema econômico mundial e, de forma breve, alguns aspectos históricos constitutivos de Grêmio Football Porto Alegrense e de Sport Club Internacional.

Os “legados da Copa”, resultado dos movimentos de uma economia superior, trazem afetações diretas na relação material e psicoafetiva dos cidadãos com as cidades, e mais especificamente, dos torcedores com os seus estádios. Cabe ainda ressaltar que o intuito não foi caracterizar e analisar os torcedores presentes nos jogos da Copa ou quais seriam as diferenças entre o *atuar no lugar* dessas duas categorias (torcedores locais *versus* torcedores externos), contudo no Anexo 03 apresentamos um muito breve relato de algumas percepções.

Em última análise se pretendeu mostrar alguns indícios das modificações na concepção dos projetos dos novos estádios de Grêmio e Internacional, ambos relacionados com a realização da Copa do Mundo, e em que medida esses espaços modificados afetam a relação dos torcedores da Dupla Gre-Nal com os seus estádios.

## **1. O LUGAR, O ESTÁDIO E A COPA**

Antes do apito inicial da partida entre França e Honduras no dia 15 de Junho de 2014, a primeira das cinco que foram disputadas na cidade, Porto Alegre já havia preparado durante longo tempo, antes mesmo sequer de a bola ser rolada suavemente no gramado do novo Estádio Beira-Rio, a sua participação no “maior evento esportivo do planeta”. Partindo do pressuposto de que o Mundial de Futebol é resultado e produto das combinações e arranjos do chamado capitalismo pós-industrial, precisamos analisar alguns aspectos da cidade a partir da sua integração com o sistema econômico nacional e mundial para podermos explicar como a metrópole gaúcha acabou se tornando cidade sede da Copa do Mundo FIFA. Para tanto precisamos embasar nosso entendimento nas teorias e autores que consideram a metrópole no contexto da globalização até ser incluída nos movimentos da economia superior que caracterizam esse megaevento.

### **1.1. A formação da metrópole de Porto Alegre**

O Estado do Rio Grande do Sul, desde meados do século XIX, gradativamente reforça sua posição econômica e política no cenário nacional. Por ser uma zona de fronteira, foi também zona de conflito de limites territoriais desde os tempos coloniais, e sendo assim, a tendência era de que recebesse alguma atenção diferencial do poder central. No período que se estende do Brasil Imperial até a República Velha, a configuração do território nacional era análoga a ilhas de densidade divididas por espaços parcialmente inexplorados, não havendo uma continuidade de ocupação (SANTOS & SILVEIRA, 2006). Nesse período, generalizando, podemos destacar dois pontos/polos de desenvolvimento mais acentuado do território gaúcho: a capital Porto Alegre e cidades satélite como São Leopoldo e Novo Hamburgo, representando a centralidade política e desenvolvimento de manufaturas industriais, e o conjunto das cidades de Rio Grande e Pelotas, de importância militar-econômica e também industrial manufatureira.

As duas regiões desenvolviam atividades industriais similares até meados dos anos 1800, contudo, como aponta Singer (1977), a imigração, principalmente germânica e italiana, criou um fato novo ao mercado porto-alegrense, refletindo também na estratégia de produção de bens e expansão da produção:

Se compararmos a estrutura industrial de Porto Alegre, no fim do século, com a de Rio Grande e de Pelotas, verificamos uma diferença notável. Em Rio Grande, por exemplo, há sobretudo grandes estabelecimentos e poucos ramos (tecelagem, charutos, conservas alimentícias, moinhos, curtumes). Já em Porto Alegre há diversidade maior na estrutura industrial: além dos ramos encontrados em Rio Grande, existe na capital fabricação metalúrgica, de calçados, de vidro e de confecção de roupas. Esta diversificação maior reflete a diferença entre o mercado da indústria de Porto Alegre e de Rio Grande. Esta procura alcançar o mercado nacional através de poucos produtos, ao redor dos quais se concentra o poder competitivo das empresas. A indústria porto-alegrense procura antes penetrar no mercado da zona colonial, atendendo a múltiplas necessidades de consumo de sua população. A indústria de Rio Grande sofre, desde o início, a competição não apenas do produto importado, mas também da indústria carioca, paulista e de outras partes do país. A indústria de Porto Alegre cresce, num primeiro período, apoiada no mercado das colônias, onde goza de posição privilegiada. Somente depois de esgotar estas possibilidades de expansão é que ela se lança no mercado nacional, contando, no entanto, com sólida base regional. É este fato que acaba capacitando a indústria porto-alegrense a conquistar a supremacia no conjunto do Estado. (SINGER, 1977, p. 173.)

Há de se considerar também que a ebulição política no período de 1889 a 1893, com a Revolução Federalista e consolidação no poder do Partido Republicano Rio-grandense (PRR) - de ideais positivistas e de onde vem a “genealogia política” do Varguismo<sup>1</sup> - promoveu profundas transformações político-institucionais que estabeleceram um novo modelo de desenvolvimento econômico pró-mercado interno e pró-diversificação. A ação do governo, principalmente no desenvolvimento dos transportes (ferrovias e navegação hidroviária) e de estruturas, integrou espacialmente o território gaúcho. (PEREIRA, 2006).

Apontam ainda Pereira (2006) e Fontoura (2010) que a configuração da propriedade das terras, em decorrência dos movimentos de colonização do século XIX, era completamente distinta nos dois polos desenvolvidos do Estado: nas cercanias da Capital, predominava a pequena propriedade e a produção agrícola diversificada, ao passo que na outra predominava a grande propriedade, de origem nas sesmarias portuguesas, onde se praticava basicamente a criação bovina.

Porto Alegre, por assumir o papel de centralidade política, nos governos do PRR acaba consolidando a sua importância frente ao outro polo, Rio Grande-Pelotas, com o declínio da cadeia de produção bovina e em função do maior dinamismo econômico e de circulação de mercadorias, agora favorecida com maior número de rotas de transporte (Figura 01). Tal circulação acentuada se deve também à maior quantidade de produtores e consumidores, justamente em função do modelo de tenência das terras, uma vez que “gravitavam” ao redor de Porto Alegre as cidades que receberam maiores fluxos de migrantes colonos, como dito antes, caracterizando maior diversidade de produção e pequenas propriedades.



**Figura 01** – Linhas Ferroviárias em 1910,  
Fonte: RECKZIEGEL - BETAMEMÓRIA

Nesse sentido, coloca Singer (1977), que “o desenvolvimento de uma economia industrial em Porto Alegre se acha condicionado, em boa medida, ao estabelecimento de um mercado de produtos manufaturados no “hinterland” da cidade”. O surgimento desse mercado é resultante do estabelecimento das colônias no centro e ao norte do Estado, que no princípio praticavam uma economia de

subsistência, a qual evolui até gerar excedentes para a comercialização, culminando na expansão da agricultura comercial especializada na produção de alimentos dirigida ao mercado nacional:

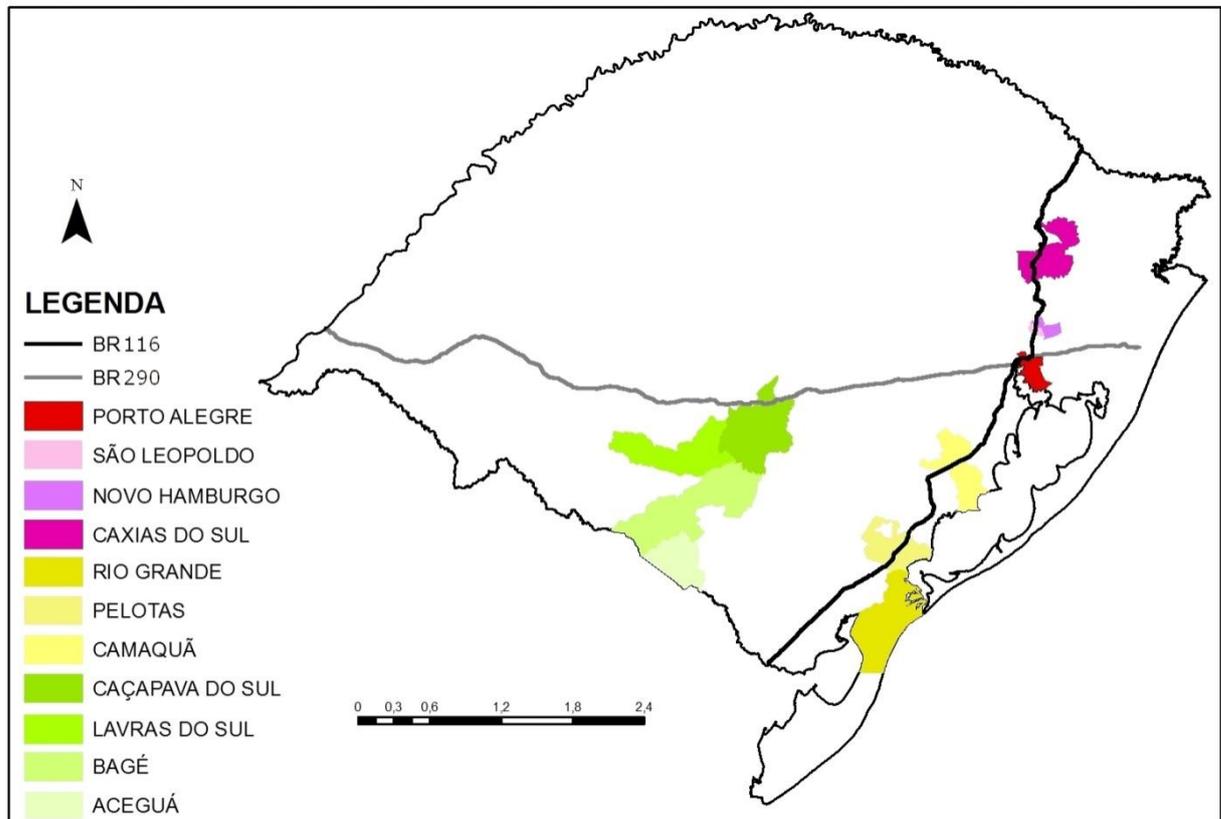
O que se verifica na economia das colônias é uma transformação verdadeiramente revolucionária, ou seja, a passagem da produção de subsistência, com sua estabilidade baseada na auto-suficiência, com sua policultura altamente diversificada em função das necessidades de consumo e com sua técnica de produção rotineira e inalterável, para a produção comercial, com sua dependência de condições econômicas externas, decorrente da divisão inter-regional do trabalho, com sua quase monocultura dependente das condições do mercado nacional e com suas técnicas de produção sujeitas a alterações inesperadas na luta pelo rebaixamento dos custos de produção. É claro que esta revolução não ocorreu simultaneamente em todas as colônias. Ela foi-se dando na medida em que o sistema de comunicações se ia estendendo e atingindo as colônias. Mas, este não foi o único fator. Pelo contrário, o fator mais geral que está por detrás de todo processo de transformação é outro: é o da existência de mercado para a produção colonial rio-grandense. [...]

A peculiaridade da economia das colônias europeias no Sul do Brasil é que ela não se liga ao mercado mundial por meio de um dos poucos produtos “coloniais”, mas sim ao mercado *interno*, ao qual fornece gêneros alimentícios e matérias primas (como o fumo, por exemplo). [...]

Tudo isto significa que, já no último decênio do século passado, se havia desenvolvido um ponderável mercado interno para produtos agrícolas no Brasil. Este mercado deve ter sido constituído pela próspera economia cafeeira no Rio e em São Paulo. (IDEM, 1977, p. 169)

Outro fator que por fim determinou Porto Alegre como centro econômico do Estado foi a implementação do sistema rodoviário. As rodovias estabelecem a ligação de Porto Alegre com o sul (Figura 02): *“a BR-2 (atual BR-116) liga a capital a Camaquã, Pelotas e Rio Grande, a BR-37 (atual BR-290) une Porto Alegre a Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Bagé e Aceguá”*. A indústria porto-alegrense acabou por fim unificando a economia do Estado e consolidando a sua posição central, uma vez que ameaçada pela concorrência do sudeste brasileiro, *“não podia contentar-se apenas com o mercado constituído apenas pelo “hinterland” da cidade”*, devendo expandir-se no restante do Estado. Dessa forma, a Zona Industrial preferencial do Rio Grande do Sul se estabelece numa faixa em direção ao norte, tendo Caxias do Sul numa extremidade e Porto Alegre na outra como pontos mais fortes, tendo como *“elos da cadeia”* Novo Hamburgo e São Leopoldo. O parque industrial porto-alegrense extravasa os limites da cidade e transforma municípios

vizinhos (Guaíba, Canoas, Esteio, Sapucaia) em subúrbios industriais da capital, em relação aos quais se caracteriza uma conurbação, o que nos permite falar em uma Grande Porto Alegre. (IBIDEM, 1977).



**Figura 02** – Rodovias BR 116 e BR 290, duas das principais e mais antigas rodovias do Estado. O traçado converge para a Capital, demonstrando a centralidade de Porto Alegre.

Fonte: IBGE E DNIT.

Elaboração: BERZAGUI, C.

A partir da constituição desses fluxos entre as colônias e a capital, e da Capital Gaúcha com os grandes centros consumidores do sudeste do Brasil, é que vai se caracterizar a importante função comercial que Porto Alegre vai desempenhar, mais relevante até para a macro dinâmica econômica do que a função industrial, aponta Paul Singer, uma vez que se torna difícil a competição com a potência industrial de Rio e São Paulo em todos os ramos da produção.

O quadro de diversidade montado a partir das décadas iniciais do século XX foi decisivo para a consolidação de Porto Alegre como polo central do Estado, na consolidação do papel de Metrópole Gaúcha, como observa Soares (2006) a *metropolis*, a “cidade mãe” que vai representar o Estado, em um primeiro momento pró-

mercado interno, mas como apontam Santos e Silveira (2006), acaba criando as condições para os fluxos de uma economia global.

O esquema de ilhas de desenvolvimento proposto por Santos e Silveira (2006) para explicar a conformação do território brasileiro, se dá de forma mais contundente a partir da década de 1970 com a incorporação do território nacional à economia quase-mundial, mas não seria possível sem antes já estarem conformados pontos de integração regional e de equipamentos e estruturas que favorecessem a circulação dos fluxos de capital. A região onde há maior densidade de equipamentos, conformando o meio técnico-científico, se consolida dentro do pós 2ª Grande Guerra, já demonstrando que os circuitos de solidariedade próximos ou solidariedade local se tornavam gradativamente mais longínquos. No Brasil, os autores vão chamar de Região Concentrada (Sudeste e Sul do País) a qual apresenta maior densidade técnico-científica, que no novo período pós queda do bloco soviético, de economia global, é onde se caracterizará o meio técnico-científico-informacional.

Nesse novo período a circulação de informações, de ordens e de diferenciais não materiais (tais como notícias privilegiadas, técnicas de produção, conhecimento científico) garantem a especialização e diferenciação entre as áreas, dotando de maior importância os espaços integrados - os que interessam a produção - aos circuitos da economia mundial:

A união entre ciência e técnica que, a partir do anos 70, havia transformado o território brasileiro, revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação, a partir do período da globalização e sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias e informações, das ordens e dos homens. É a irradiação do meio técnico científico-informacional (M. Santos, 1985, 1994b, 1996) que se instala sobre o território, em áreas contínuas no Sudeste e no Sul ou constituindo manchas e pontos no resto do país.

A questão da fluidez do espaço apresenta-se agora em outros termos. Como a informação e as finanças passam a ser dados importantes, se não fundamentais, na arquitetura da vida social, o espaço total de um país, isto é, o seu território enquanto suporte da produção em todas as suas instâncias, equivale ao mercado. (SANTOS & SILVEIRA, 2006, p. 52 – 53).

## 1.2. Globalização: como a Copa veio a Porto Alegre

É a partir do desenvolvimento e consolidação do meio técnico-científico-informacional, característica da economia pós-industrial, que podemos começar a entender como Porto Alegre passa a integrar o movimento que coloca a Copa do Mundo FIFA 2014 na Cidade.

As cidades serão mais ou menos importantes quanto maior for a sua capacidade de comportar os fluxos da economia mundial, não fluxos “produtivos”, mas fluxos diferenciais. Para tanto, podemos “mensurar” a importância de cada uma delas (como por exemplo, na classificação de Saskia Sassen, de Cidades Globais) quanto maior forem as conexões aéreas supra-regionais, quanto maior for a presença de sucursais de grandes bancos e empresas, pela presença de Bolsa de Valores, pela presença de embaixadas e consulados, pelo número de renomadas Universidades, pelo número de teatros e museus, pela presença de cadeias de grandes magazines, enfim, uma série de aspectos que levam à diferenciação que não é mais apenas produtiva, mas sim de lugares que estão integrados através de atividades “nobres” da nova configuração mundial. Ainda, essas Cidades Globais se diferenciam enquanto a posição de destaque que ocupam, no que Milton Santos simbolicamente chama de *espaços que mandam e espaços que obedecem*, não que o território em si possua tais atribuições, mas a alocação das forças que comandam a produção – de onde emanam as ordens – e de onde a produção, ou parte dela, é executada. Por exemplo, uma grande empresa que fabrica maquinário agrícola tem a sua sede em Nova York, uma sucursal em São Paulo e um escritório de representação em Porto Alegre.

Embora Porto Alegre não seja uma Cidade Global por excelência, no contexto regional do Cone Sul e no contexto nacional é um polo importante, e a sua integração com os fluxos mundiais se intensificou nos anos 1990 com a liberalização da economia brasileira. Como aponta Soares (2006):

A maior internacionalização da economia nacional, processo que afetou fortemente a economia do Rio Grande do Sul nos anos 90, reforçou o papel de Porto Alegre como centro de gestão econômica e territorial. A territorialização de novos grupos empresariais, com escalas globais de atuação, demandou, também, a ampliação ou a instalação de novos serviços para as empresas (agências de propaganda e marketing, escritórios de consultoria), os quais também se desenvolveram no sítio da metrópole.

Surgiram, então, novos setores na metrópole como espaços de gestão: desde centros empresariais, como o edifício Edel Trade Center, até novas centralidades, como a nova sede da Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul (FIERGS), localizada no extremo da Avenida Assis Brasil, no limite do município e próximo à *Free-Way* (BR-290) e à Avenida Carlos Gomes, incluída no arco da “Terceira Perimetral”, e um dos eixos preferenciais para a construção de novos conjuntos de escritórios e hotéis de categoria internacional. Com as obras da “Terceira Perimetral”, a Avenida Carlos Gomes está diretamente conectada com o Aeroporto e a Zona Sul, setor de localização de empreendimentos imobiliários para as classes média e média alta, especialmente condomínios fechados. O próprio Aeroporto Internacional Salgado Filho foi reconstruído, recebendo um novo terminal de passageiros. (SOARES, 2006, p. 138).

Dentro do Mercosul é uma das cidades fundadoras do bloco das *Mercocidades*, possui Universidades de porte internacional e de excelência (podemos citar UFRGS, UFCSPA e PUCRS), tem conexões aéreas e voos regulares para grandes centros internacionais como Lima, Miami e Lisboa, periodicamente recebe eventos de grande porte (concertos de música internacionais, eventos e feiras internacionais, sendo sede da Fundação Bienal do Mercosul) e conta com centros hospitalares de referência. Em suma, conta com estruturas que garantem ou são resultado dos fluxos de uma economia global. Cabe ainda ressaltar que a Cidade foi sede de quatro edições, dentre as quais as três primeiras, do Fórum Social Mundial, em que pese seja justamente uma crítica aos princípios da economia globalizada e capitalista que estrutura essa lógica diferencial.

A globalização, dessa forma, ocorre preferencialmente nos lugares, criando uma nova forma de competição econômica entre as Cidades que acabam concorrendo entre si para receber esse ou aquele investimento. Nesse sentido, as especificidades de cada lugar acabam se tornando “mercadoria”. Ela age de maneira a padronizar elementos, que inexoravelmente devem estar integrados e de acordo ao fluxo, e acaba solidarizando os mesmos elementos ao fim que se propõe. Tal maneira de atuação pode gerar um ganho econômico e de qualidade de vida a determinada população local, mas pode gerar também um desarranjo e um passivo incontornável.

Como o exemplo da Copa do Mundo, podemos nos recordar da disputa entre as cidades brasileiras para abrigar o megaevento; a construção dos estádios gerou um superávit econômico, “girando” a economia: desde o comércio local onde os operários consumiam, aos grandes empresários que lucraram com o contrato, ao

sistema financeiro que foi responsável por gestar os contratos de empréstimo. Como resultado de uma “globalização negativa”, houve a mudança de paisagens e patrimônios imateriais das cidades, houve a remoção forçada de contingentes populacionais consideráveis, a mudança de hábitos de uma parcela da população em relação ao comportamental nos espaços públicos e nos estádios. Ou seja, a globalização pode integrar elementos ao mesmo tempo em que pode criar resistências.

Dessa forma, assumimos considerar a Copa do Mundo FIFA como um movimento da economia global/economia superior, sendo possível ocorrer somente nos pontos do território onde se desenvolve o meio técnico-científico-informacional. Carrega consigo os diferenciais de informação (a transmissão global), os diferenciais financeiros do qual é indissociável (empréstimos bancários, patrocinadores másteres e locais), da padronização do evento (o chamado “padrão FIFA”, os estádios e zonas padronizadas), e o fluxo de pessoas de poder aquisitivo elevado. O comando das suas ações emana de Genebra, na Suíça, tendo no período de preparação e realização do evento, sua sucursal no Rio de Janeiro e escritórios de representação em cada uma das cidades-sede. Porto Alegre, dessa maneira, só pode receber as partidas e ser parte do fluxo desse capital diferencial, porque possuía as condições desenvolvidas ao longo de um vasto período de integração ao mercado globalizado.

### **1.3. O Estádio: a Copa e o Lugar**

Até este ponto construímos o enredo de uma lógica econômica globalizada, de como o ajuste dos fluxos econômicos resultou na realização da Copa do Mundo FIFA 2014 na capital gaúcha, bem como assumimos que as consequências dessa globalização se dão nos lugares. O Mundial trouxe inúmeras outras consequências, desde a remoção de famílias à reestruturação completa da infraestrutura urbana de algumas áreas. No nosso caso específico de estudo, temos a construção de duas monumentais arenas esportivas, suprimindo/modificando antigas estruturas e paisagens futebolísticas e, o que nos importa mais ainda, a partir desses novos estádios transformações de práticas e significações do lugar.

Para podermos assumir essa nova perspectiva, temos que considerar que são eventos de duas escalas distintas, uma global e outra local; verdade que

estamos falando em diferentes procedimentos de análise e de fenômenos com estruturação e lógicas distintas, que num primeiro momento parecem estar alheias. Dessa maneira, precisamos nos alinhar com a visão de Castro (2000) a respeito da escala, a qual propõe discuti-la como uma “*estratégia de apreensão da realidade*”, ou seja, de que a representação que torna visível o real deve levar em conta os fenômenos que dão sentido ao recorte espacial, considerando os diferentes níveis de abstração do pensamento, e à visão de Claval (2014, p. 136) a respeito da ciência geográfica, que a considera uma disciplina complexa e que para “*compreender o que é a Terra dos Homens implica procedimentos que não respondem às mesmas lógicas*”.

Temos, então, um grande evento que envolve capitais financeiros em nível global, que acabam modificando as estruturas dos estádios (a aplicação de um modelo “*all seater*”, somente com assentos, substituindo as tradicionais arquibancadas, e inovações tecnológicas, da presença de grandes construtoras/empreiteiras, etc) e obrigando a reforma do entorno urbano imediato dessas novas arenas. Essa série de ações eram condições necessárias/impostas para a realização da Copa que acabaram, pois, afetando diretamente a vida dos torcedores, uma vez que aquele ambiente ao qual estavam acostumados foi drasticamente remodelado.

Essa modernização dos estádios de Porto Alegre desarranjou referências tradicionais e perturbou aspectos identitários das pessoas que ocupavam esses lugares, ainda como coloca Paul Claval (2014, p. 137) “*a modernidade priva os homens de suas referências tradicionais e das identidades que lhe tranquilizavam*”. Tal sentimento de *tranquilidade* é figura central na concepção de lugar que utilizamos, principalmente no que diz respeito ao *sentir*. Entendemos que o lugar é essa escala imediata ao Homem, é um espaço subjetivo, onde ele habita, onde constrói o conjunto das suas relações, é onde ele se realiza, é a sua casa, “*fundamental para o equilíbrio psicológico do indivíduo*”. (IDEM, 2014, p. 40).

Na medida em que os sujeitos investem de aspectos simbólicos e afetivos os lugares, vamos ao encontro da expressão topofilia cunhada por Tuan (2012):

A palavra “topofilia” é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio

ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

A topofilia não é a emoção humana mais forte. Quando é irresistível, podemos estar certos de que o lugar ou o meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo. (TUAN, 2012, p. 135-136.)

As emoções proporcionadas pura e simplesmente pelo jogo de futebol sem dúvida não são as mais fortes ou importantes sentidas pelo Homem, no entanto, as relações decorrentes do ato de reunir-se com outros sujeitos para assistir o jogo e torcer, sim podem ser mais representativas: congregar com os pais ou filhos, amigos, enfim, estar com os “seus”. O estádio de futebol e o seu entorno são ambientes de socialização, que têm a capacidade de justamente amalgamar e encadear uma série de relações entre os sujeitos, sendo *veículo de acontecimentos emocionalmente fortes*, acabando por fim simbolizando-se. Alguns atos acabam se tornando práticas-rituais pela repetição: seguir sempre o mesmo trajeto, consumir a mesma bebida em determinado estabelecimento, comer o tradicional “churrasquinho”, ocupar o mesmo setor do estádio ou ir sempre com a mesma camisa. A periodicidade da sua prática (dos rituais e do futebol) acaba conferindo aos lugares uma “estabilidade urbana”.

Assim, o geógrafo britânico John Bale no seu trabalho “Sport, Space and The City” afirma que, dentre tantos outros motivos, o futebol acaba se tornando um ato público/cívico mais atrativo do que outros da mesma natureza por sua regularidade de acontecimento através do tempo e também a fácil compreensão do seu código de regras também contribuem para sua assimilação massiva. (BALE, 2011).

A atribuição de significados ou transferência simbólica da afetividade do lugar para o Estádio acaba transpondo-se também para o Clube de Futebol, e na medida em que existam mais torcedores da mesma agremiação, se constitui uma espécie de grande “comunidade imaginária”. Deste modo, quando se disputam partidas entre diferentes clubes, ocorrem também embates entre essas comunidades e entre lugares, caracterizando uma “topofobia”, gerando repulsa ou alteridade. Dito sentimento “negativo” pode também acabar contribuindo para afirmação de uma

identidade, posto que a alteridade ou o estranhamento tendem a reforçar a imagem de si próprio, levando os sujeitos a reconhecerem o “*seu lugar*” em contraposição ao lugar que “*não é seu*”. Tal situação explica de maneira um tanto satisfatória a dualidade Gre-Nal que vive Porto Alegre, onde a rivalidade reforça o entendimento do torcedor como gremista ou colorado e de seus estádios: “*nós contra eles*”, e como veremos mais adiante, pode ser “uma chave” de ação a “refamiliarizar” os torcedores com seus novos espaços.

## NOTAS

[1]. O Varguismo aqui denominado faz maior referência ao ímpeto regulador e modernizador assumido pelos órgãos de governo inaugurado nos períodos do Governo de Getúlio Vargas (1930/1945 e 1951/1950). Sem dúvida se trata de figura controversa, quanto mais se for levada em consideração a interpretação da figura política de Vargas. A título de exemplo da implicação da “ideologia política varguista”, adentrando na alçada esportiva, consultar a dissertação de Rafael B. Klein (2014) “**O profissionalismo imoral e a pacificação necessária : imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)**”. Dissertação de mestrado em História pela PUCRS, disponível em ([http://tede.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=5591](http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5591) – último acesso em 14/12/2014);

## **2 - CONTEXTUALIZANDO AS ARENAS ESPORTIVAS NA CIDADE E OS CUSTOS DE EXECUÇÃO DAS OBRAS**

Antes que nada, é importante lembrar as diferentes escalas temporais e geográficas que se apresentam na análise dos estádios que fazem parte do contexto da Copa do Mundo FIFA de 2014. As características geo-históricas – que pretendemos apresentar de maneira breve - dos sítios onde estão assentados os estádios José Pinheiro Borda e a Arena do Grêmio, acreditamos, compõe uma chave de leitura primordial para o entendimento do que o relatório está tratando até aqui, tais como a expansão imobiliária, as mudanças de legislação e os conflitos devido à necessidade de moradia.

Inaugurado em Abril de 1969 o Estádio José Pinheiro Borda, mais conhecido como Estádio Beira-Rio, tem seu nome oficial em homenagem ao presidente da comissão de obras falecido em 1965, antes da conclusão da edificação. A idealização da casa alvirrubra se dá em 1956 a partir do projeto do Vereador Ephraim Pinheiro Cabral - um ex-presidente do S.C Internacional – que dispunha sobre a doação da área que seria aterrada à beira do lago Guaíba.

Esse Sítio faz parte do último grande ciclo de aterramentos em Porto Alegre, que se estende do final da década de 1950 ao final da década de 1970, executados na porção ao sul do Centro-Histórico da cidade (Figura 03).

Embora seja um empreendimento privado que no seu início conta inclusive com grande participação da torcida do clube na doação de materiais, desde a sua concepção até a modernização para Copa do Mundo FIFA, há grande contribuição do Poder Público. Além do mais, a remodelação do estádio, a duplicação da avenida Edvaldo Pereira Paiva e a construção do viaduto Pinheiro Borda constituem o que podemos chamar de um “portal”, além de funcional cênico, para a expansão urbana da zona sul da cidade. (Figura 04)



**Figura 03** - Áreas de aterro e Estádio Beira-Rio.  
 Fonte: Google Earth.  
 Elaboração: César Berzagui



**Figura 04** – Projeção cênica do Viaduto Pinheiro  
 Borda com o Estádio Beira-Rio.  
 Fonte: PMPA.

A Arena do Grêmio, o outro estádio no contexto do Mundial de 2014, foi construída de meados de 2010 a Dezembro de 2012, então inaugurada em partido amistoso. Localiza-se na porção norte do Bairro Humaitá, bairro que já despertava o interesse dos agentes imobiliários, mas com a construção da Arena se consolida como novo “front” do mercado imobiliário.<sup>1</sup> Assentado sobre área naturalmente alagadiça, já que está no que compreende a planície de inundação do rio Gravataí, o bairro sofre com ações de aterramento desde a década de 1970, quando passou a receber, além do que podemos chamar de “aterros usuais”, parte dos resíduos sólidos de Porto Alegre – o que ocorreu até o final do ano de 1982. (MARTINS, 2010). Essas ações visavam diminuir os pontos alagadiços da região, no intuito de incorporação das terras ao mercado, sendo que as primeiras tentativas de construção de complexos habitacionais se deram ao longo do final da década de 1980 e durante toda a década de 1990. Todas as intervenções, porém, nunca foram definitivamente efetivas até a implementação do projeto da Arena. (IDEM, 2010). Podemos listar como atrativos da região ao capital imobiliário, além do baixo valor do solo urbano devido ao “estigma” de ser aterro, a posição ótima em relação ao centro da cidade, bem como a sua localização no centro do novo nó viário que conecta a região metropolitana à capital (BR-448 com Freway). (Figura 05)



**Figura 05** – Contexto do Bairro Humaitá.

Fonte: Google Earth.

Elaboração: César Berzagui.

## 2.1. Dois estádios: o custo da modernização para a Copa do Mundo

Com a candidatura do Brasil para sediar a Copa do Mundo FIFA 2014, o projeto de modernização do Estádio Beira-Rio começou a ser discutido, apresentando-se como o mais viável para Porto Alegre e Rio Grande do Sul, uma vez que a solução alternativa, a Arena do Grêmio, era mais uma intenção do que um projeto em curso; além disso, a localização e o entorno do estádio colorado apresentam melhores condições, dentro de uma malha urbana mais consolidada, próxima das redes de serviço e transporte, se comparado à arena tricolor.

Para o Internacional, se tratava de uma oportunidade de remodelar o complexo do seu estádio, colocando o clube na nova era do futebol<sup>2</sup>. Dentro da política interna do clube eram discutidas duas alternativas: a construção com recursos próprios, ou o modelo de parceria com construtoras e financiamento público - que foi por fim adotado. O empreendimento ganhou o nome fantasia “Projeto Gigante Para Sempre”, uma insígnia para fácil assimilação pelos torcedores e que simplifica ações de marketing. Em uma primeira etapa em 2010, o projeto arquitetônico da modernização e o início das obras foram realizados com recursos próprios, o que despendeu R\$ 53 milhões dos cofres do clube. Em meados do referido ano, com a apresentação da cartilha de exigências da FIFA, o cumprimento do cronograma não seria possível caso o clube decidisse manter-se solitário no empreendimento, alegando que os custos para a adequação das obras ao padrão exigido não permitiria a execução sem comprometer a saúde financeira/capacidade de endividamento do S.C. Internacional. Diante de tais questões, entra em negociação a segunda alternativa, a incorporação de uma construtora no projeto de modernização do estádio.

Como nos bastidores já se especulava e a imprensa constantemente anunciava, a alternativa era só uma, “salvar” o cronograma de Porto Alegre, tendo em vista que a cidade perdera a Copa das Confederações, desgostando a iniciativa privada, governo e parte da sociedade.<sup>3</sup> O Quadro a seguir (Quadro 01) apresenta um resumo dos custos do Beira-Rio.

Esse foi o movimento de 2011, tendo as obras avançado pouco ou quase nada. A construtora chamada ao negócio foi a Andrade Gutierrez, que viria a firmar

contrato com o Internacional em Março de 2012. Orçado em R\$ 330 Milhões, o “Projeto Gigante Para Sempre” necessitava agora do financiamento da obra, recursos tais provenientes do PAC Copa, ou seja, públicos; para tanto, se criou a sociedade de propósito específico “BRio”, tendo na sua composição representantes do clube e da construtora, e que foi a figura jurídica responsável por solicitar o financiamento numa operação conjunta entre BNDES, Banrisul e Banco do Brasil; operação de crédito que tem o vencimento no ano de 2028.

<b>CUSTO DAS OBRAS ESTÁDIO BEIRA-RIO (Porto Alegre, RS)</b>		
<b>CIFRA OFICIAL (Abril/2014)</b>	<b>R\$ 330 Milhões</b>	
	Recursos Privados	Recursos Públicos
	R\$ 53 Milhões	R\$ 277 Milhões (BNDES/B.B/BANRISUL R\$ 91,7 Milhões cada)
<b>CAPACIDADE DO ESTÁDIO</b>		<b>51 Mil Espectadores</b>
<b>CUSTO POR ESPECTADOR</b>		<b>R\$ 6.470,59.</b>

**Quadro 1** – Compilação dos Custos do Estádio Beira-Rio.  
Fonte: Portal da Transparência. Organização: Berzagui 2014.

Para o caso Tricolor, a mudança é mais significativa, até porque o clube muda de lugar a sua sede, passando do bairro Azenha ao bairro Humaitá. As primeiras movimentações do projeto de construção da Arena ocorreram em 2006, quando inspirados pelo modelo de estádio usado na Copa do Mundo da Alemanha, os dirigentes gremistas encomendaram com a empresa holandesa Amsterdam Arena estudos sobre a viabilidade de remodelação do Estádio Olímpico. Dentro dos modelos de espaços multifuncionais - dominantes desde a década de 90 nos estádios europeus - a resposta, como era de se esperar, foi negativa. Uma adequação ao novo parâmetro de “palco” multiuso desses estádios exigiria a implosão total do antigo Olímpico Monumental, inclusive abrindo-se a possibilidade de se construir em outro terreno que não o da Azenha, o que por fim acabou ocorrendo. O contrato foi firmado com a construtora OAS em finais de 2008; a construção, porém, teve seu início somente em 2010.<sup>4</sup>

Contudo, os veículos de comunicação trabalham e divulgam, de maneira bastante usual, outros dois valores, o de R\$ 475 milhões e de R\$ 600 milhões (Quadro 02). Ainda sobre esses valores, pelo que foi veiculado, houve um financiamento junto ao BNDES dentro da linha Copa de R\$ 275 milhões, o restante ficou a encargo da OAS; tampouco se sabe qual figura jurídica contraiu o empréstimo: OAS, OAS Arenas, ou Grêmio Empreendimentos.<sup>5</sup>

A princípio, as informações mais confiáveis dão conta de que o Clube entregaria o terreno no bairro Azenha do seu antigo estádio, em troca do terreno no bairro Humaitá. Como forma de pagamento do estádio, a administração da nova casa gremista fica a encargo da empresa subsidiária Arena Porto Alegrense, no período de 20 anos, ficando o Clube com 65% e a Construtora com 35% quando houver lucros. Até o mês de Outubro a questão de compra ou quitação de débitos com a construtora ainda não foi solucionada. As componentes emocionais da “mudança de casa” se apresentam desde o início como um dos mais fortes discursos, sendo que somente após o novo acordo de compra da Arena, o presidente do Clube na gestão 2013/14, Fábio Koff, afirmou que o Estádio agora iria ser dos “gremistas, dos nossos filhos, dos nossos netos”.

<b>CUSTO DAS OBRAS ARENA DO GRÊMIO (Porto Alegre, RS)</b>	
<b>CIFRA OFICIAL</b>	<b>R\$ 540 Milhões</b>
	Recursos Públicos
Recursos Privados	
R\$ 265 Milhões (OAS)	R\$ 275 Milhões (BNDES)
<b>CAPACIDADE DO ESTÁDIO</b>	<b>55,6 Mil Espectadores</b>
<b>CUSTO POR ESPECTADOR</b>	<b>R\$ 9.712,23.</b>

**Quadro 2** – Compilação dos Custos da Arena do Grêmio.  
Fontes: CBF/ClicRBS/Correio do Povo/Grêmio/OAS. Organização: Berzagui 2014.

## 2.2 - Custos Globais

O estádio é sem dúvida o ponto central do megaevento, porém, como tratamos até agora, não é um ponto isolado dentro da trama urbana das cidades-sede. Em Porto Alegre tivemos mais de 20 ações relacionadas à Copa dentro do chamado PAC Copa, desde obras de mobilidade urbana, como viadutos e sistemas de BRT, à remodelação de aeroportos e ações de qualificação de serviços.

A exemplo de outras cidades, a prefeitura retirou parte das obras da Matriz de Responsabilidade do Mundial 2014 por questões de cronograma e adequação dos projetos básicos, o que não vai excluir, contudo, o financiamento público. À parte os valores acima referidos, ainda há mais dois investimentos a cargo do poder público: a subestação de energia que atenderá o estádio, e as estruturas temporárias para a realização dos jogos. A subestação de energia elétrica executada pela Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE) já tem o valor definido em R\$ 23,9 Milhões, as estruturas temporárias, por sua vez, não terão uma inversão direta de verbas públicas, mas contarão com isenções fiscais de tributos estaduais até o teto de R\$30 Milhões conforme o projeto de lei nº 17/2014 aprovado no legislativo gaúcho.<sup>6</sup> O custo previsto de todas as ações com emprego de verba pública é de R\$ 1.628.398.692,70, incluídos aí os valores do Estádio Beira-Rio.

**NOTAS**

- [1]. FLACH, Marcelo. Humaitá: o bairro do futuro em Porto Alegre. **Zero Hora**, Porto Alegre, 8 de agosto, 2012. Disponível em: <http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2012/12/humaita-o-bairro-do-futuro-em-porto-alegre-3976250.html>. Último acesso em 30/04/2014
- [2]. SPORT CLUB INTERNACIONAL. **Gigante para sempre**: a modernização do Beira-Rio - Página online oficial do clube de Porto Alegre sobre o Estádio Beira-Rio. Disponível em: <http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=16&setor=195>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [3]. SUL 21. Porto Alegre não sediará jogos da Copa das Confederações. **SUL 21**, Porto Alegre, 20 de outubro, 2011. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/destaques/porto-alegre-esta-fora-da-copa-das-confederacoes/>>. Último acesso em: 30/04/ 2014.
- [4]. WERLANG, H.; RIZZATTI, L.. Arena do Grêmio, a origem: quando a nova casa coube numa mochila. **Globoesporte.com**, Porto Alegre, 08 de outubro, 2012. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/gremio/noticia/2012/10/arena-do-gremio-origem-quando-nova-casa-coube-numa-mochila.html>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [5]. BENFICA, L. H.. Grêmio não entregará Olímpico para a OAS enquanto Arena estiver alienada. Blog Dupla Explosiva - *in* **ClicRBS**, Porto Alegre, 13 de março, 2014. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/duplaexplosiva/2014/03/13/gremio-nao-entregara-olimpico-para-a-oas-enquanto-arena-estiver-alienada/?topo=13,1,1,,13>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [6]. ANNES, R.. Plenário aprova projeto que concede isenções fiscais para obras temporárias da Copa do Mundo. **Agência de Notícias da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, 25 de março, 2014. Disponível em: <http://www2.al.rs.gov.br/noticias/ExibeNoticia/tabid/5374/IdMateria/291768/language/pt-BR/Default.aspx>>. Último acesso em: 30/04/2014.

### 3 - OS ESTÁDIOS DA COPA E O ESTÁDIO DO TORCEDOR

Cada cidade sede apresenta suas particularidades, seja pelo ambiente político, seja pelas afecções da psicosfera, ou ainda pura e simplesmente pela localização dos estádios em relação ao conjunto da trama urbana das metrópoles. No caso de Porto Alegre temos que acrescentar a rivalidade entre os clubes que se envolveram no projeto do Mundial, o que leva mais ainda a análise da Copa do Mundo ao âmbito em que “habita” o torcedor.

O estádio por si é uma construção “fria”, na qual se empregam técnicas construtivas determinadas, tecnologias contemporâneas de segurança ao público, aplicação de materiais modernos, enfim, uma série de aspectos técnicos que, embora estejam voltados à ocupação humana, não contemplam os aspectos que “dão vida” aos estádios: a experiência do torcedor. Uma arquibancada – ou como nos projetos atuais, um assento – não terá valor simbólico algum se não estiver sendo ocupada e vivenciada em uma dimensão local, em uma dimensão corpórea, em última análise, emocional.

Nesse sentido, ao nos referirmos sobre a dimensão afetiva dos campos de futebol, nos baseamos nos escritos do geógrafo britânico John Bale (2001) que se utiliza dos conceitos de “topofilia” e “topofobia” de Yi-Fu Tuan:

The American geographer Yi-Fu Tuan uses the term ‘topophilia’ to describe ‘all the human being’s affective ties with the material environment’ and, in the present context, the situations where football ‘couples sentiment with place’ (Tuan 1974: 113). While it is not the strongest of human emotions, place attachment or a love of place is regarded by many as certainly contributing to the quality of life (Eyes 1985).[...]

I believe that for a small number of people, whose influence I will show to have been quite disproportionate to their numbers, the football stadium provides a potent source of topophilia in a number of ways. The Stadium may create a sense of place because of its quasi-religious connotations, its ‘homely’ character or its scenery. In the future it may come to be loved and enjoyed as part of our heritage. (BALE, 2001, p. 64).

Ou seja, como fundamentamos anteriormente na primeira etapa do trabalho, de revisão bibliográfica, para um número considerável de pessoas o *lugar do futebol* vai ser o receptáculo de emoções e significações que darão sentido à sua existência, não necessariamente o futebol *per se*, mas as relações que tem essa modalidade esportiva como plano de fundo.

A “Topofobia”, ao contrário, se refere aos sentimentos de aversão, medo ou inquietude que outros lugares podem trazer. Em ambos os casos, emerge uma relação psicossocial com esses espaços, uma vez que adquirem um significado embutido para as pessoas que os descobrem. (GIULIANOTTI, 2010, p. 96). O caso porto-alegrense nos apresenta dois exemplos de ocupação continuada através do tempo e um apreço sentimental e simbólico inegáveis por *lugares do Futebol*. O que estamos argumentando é a interferência direta nesses espaços decorrentes do Mundial FIFA.

Não é exaustivo relembrar o “cenário” onde tais ações são executadas. Podemos reconhecer nosso caso na consagrada teoria dos circuitos da economia urbana de Milton Santos para os países subdesenvolvidos: temos de um lado um *circuito superior* (sucintamente, caracterizado pela presença abundante do *capital moderno*, pelo emprego massivo de tecnologia, pelo crédito bancário e pela participação decisiva do Estado ao conceder incentivos de infraestrutura e benefícios fiscais) e de outro lado o *circuito inferior* da economia, caracterizado pelas atividades tradicionais e dialeticamente opostas às do circuito superior (SANTOS, 2004).

Nessa leitura, a Copa do Mundo, como representação dos fluxos econômicos superiores, gera estéticas e símbolo-funcionalidades que são contrastantes com as práticas cotidianas e microespaciais representadas nos circuitos inferiores da economia. O chamado Padrão FIFA, agora aplicado aos estádios da dupla Gre-Nal, assim como a Copa do Mundo, representam os fluxos dessa economia superior, as quais possuem lógicas e operacionalização vindas de um sistema externo ao local, parte um modelo global. As práticas dos torcedores dos clubes, contudo, são representações locais, as quais funcionam em um sistema de símbolos criados localmente. Em tese, a adequação dos estádios ao Padrão FIFA leva a uma “gentrificação” dos espaços e a uma desorientação dos torcedores no ambiente do futebol à medida que a sua simbologia e a maneira com a qual estavam acostumados a se orientar dentro dos estádios vai sendo modificada. Compõe ainda essa análise, por hora contrastante, por hora complementar, a história da formação social dos clubes e da localização dos seus estádios/espços. Tais temas vamos tentar agora abordar, apresentando ao final do próximo item um esquema de localização dos referidos espaços.

### 3.1. Gre-Nal: “*Sportsman*” e “O Clube do Povo”

Ao longo da história alguns fatores levaram o Internacional a ser conhecido como “O Clube do Povo” - elementarmente, em oposição ao Tricolor. Para tanto, no que nos importa, o futebol teve uma longa jornada: passou de uma prática folclórica na Europa, a uma adaptação desse folclore e a sua codificação relacionada ao modelo do chamado “*sportsman*” e cultura física eminentemente elitista que desembarcou na América devido aos contatos comerciais principalmente com bretões e germânicos. Já instalado no contexto sul-americano, os imigrantes europeus e seus descendentes adotaram a prática do futebol como modismo, assim como era feito com o Turfe, o Remo e o Cricket. A sua popularização está longe de ser um consenso, mas em linhas gerais se adota o período que vai de 1920 à 1950, se apontando a difusão da prática esportiva dentro dos ambientes escolares, das sucessivas apresentações públicas do esporte e a disseminação da crônica esportiva nos veículos de comunicação.<sup>1</sup>

O Grêmio *Football* Porto Alegre, fundado em 1903, era formado predominantemente por membros pertencentes à colônia alemã ou à elite comercial e abonada da capital gaúcha. Cabe ressaltar que a composição social dos dois primeiros clubes da cidade era muito semelhante; Grêmio e *Fussball Club* Porto Alegre, fundados na mesma data em ocasião de partido de exibição da nova prática esportiva dos quadros principal e alternativo do Sport Club Rio Grande, que data de 1900 e é o mais antigo clube do Brasil exclusivamente dedicado ao futebol<sup>2</sup>.

Já os membros fundadores do Sport Club Internacional não eram propriamente pertencentes às classes populares, até porque em 1909 o *Football* era uma prática das elites, relacionada à expansão dos esportes ingleses e dessa forma só poderia ser praticado por quem estivesse em contato com as classes comerciais que se relacionavam com a Europa, principalmente com o Império Britânico (FRYNDENBERG, 2011). Porém, no contexto da elite porto alegre eram socialmente distinguidos – chamá-los de excluídos seria exagero-, uma vez que parte dos que fundariam o futuro clube não tinha sido aceita nos quadros do Grêmio por não preencherem os requisitos de associação<sup>3</sup>.

Outro fator que contribuiu para a identificação do Internacional como um clube popular foi a localização do seu primeiro estádio, os Eucaliptos, no bairro Menino Deus, depois de peregrinar entre o atuais bairro Azenha e o Parque Farroupilha (também conhecido como Redenção).

O campo dos Eucaliptos (Figura 06), inaugurado em 1931 e palco de duas partidas do Mundial de 1950 - se localizava no Bairro Menino Deus, à época uma zona de expansão da urbe porto-alegrense, além de ser uma área onde se assentavam diversos grupos negros. Sommer (2011) identifica alguns desses "territórios negros" nas imediações do Eucaliptos, como a "Vila Marginal" e "vilas no Menino Deus e no 'morro do Menino Deus', além de outras vilas nos bairros Teresópolis e Cristal - provável localização da atual Vila Cruzeiro" (p.103).



**Figura 06** - O Eucaliptos entrou como contrapartida no projeto de modernização do Beira-Rio.  
Fonte: O Correio do Povo. Elaboração: César Berzagui

Na mesma época, o Grêmio tinha como campo o Estádio da Baixada (Figura 07), localizado no Bairro Moinhos de vento, ainda hoje área nobre da capital. Além dessa localização, nas redondezas da Baixada, na mesma área do atual Parque Moinhos de Vento, estavam o Velódromo e o Hipódromo, reforçando a centralidade dos gremistas, já que nesse período Ciclismo e Turfe eram os esportes com maior prestígio. Embora fosse campo do clube desde 1904, somente em 1912 é que se instalam arquibancadas, evidenciando um princípio de popularização do futebol, e em 1918 se amplia a capacidade do estádio com arquibancadas em aproximadamente 4 mil lugares. Contudo, até meados da década de 1920, a ênfase da presença de público era de caráter elitista, contemplando preferencialmente associados do clube (SIRANGELO, 2009).



**Figura 07** – Primeiro pavilhão do Estádio da Baixada em 1912.  
Fonte: Sirangelo, 2009.

Para John Bale:

Football is an example of a civic ritual which is made more attractive than other civic rituals because it possesses a serialized character; that is, it has a strong element of succession about it with its seasons and its regular and predictable fixtures. Indeed, it has been suggested that such periodic and regular events provide a 'sense of stability to urban space, including a sense of place' (Parkes and Thrift 1980:109). (BALE, 2011, p. 56)

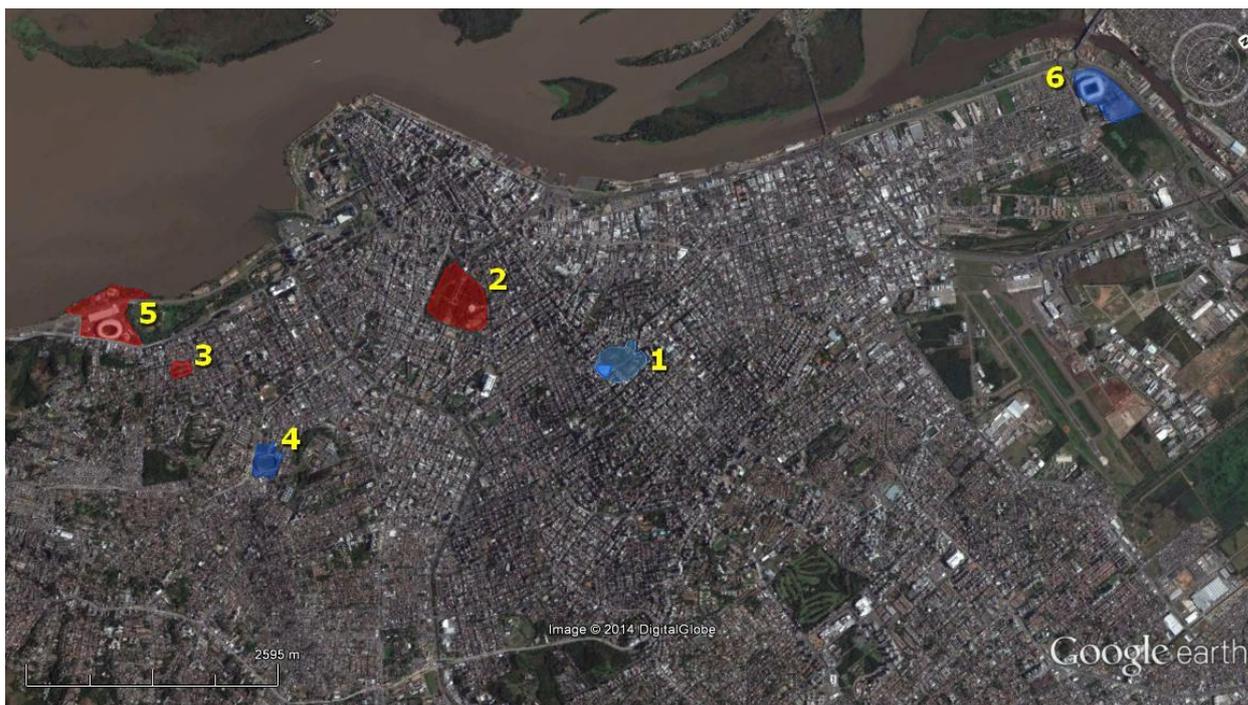
A proximidade da “periferia” além de possibilitar aos moradores da região o contato com as apresentações de futebol nos Eucaliptos possibilitou uma frequência na oferta de partidas, criando assim uma relação de identificação dos habitantes

locais com o S.C. Internacional, já que o campo gremista além de distante era socialmente/esteticamente aversivo a esse tipo de público até então marginalizado (a classe pobre). Como antes dito nos parágrafos anteriores, alguns “territórios negros” estavam nas cercanias do estádio colorado, e embora sejam os registros um tanto controversos sobre o pioneirismo na participação dos negros nos quadros do clube, se sabe que no Inter o processo foi menos conturbado que no maior rival. Com a consolidação do futebol já como uma prática popular, se dissipa essa contraposição social, tanto de jogadores como de torcedores, entre Grêmio e Internacional.

Na primeira metade dos anos 1950, mais especificamente em 1954, o Grêmio inaugura o Estádio Olímpico, em resposta à insuficiência do seu antigo estádio em comportar a crescente massa de torcedores. Em 1980, com a finalização do anel superior, a “canha” tricolor passa a se chamar Olímpico Monumental, tendo abrigado um público superior a 98 mil espectadores<sup>4</sup>.

O Inter, no mesmo processo de ampliação de simpatizantes, como já foi dito, inaugurou o Beira-Rio em 1969, tendo como lotação máxima 110 mil torcedores<sup>5</sup>. Dessa forma, se considerarmos que a população de Porto Alegre já em 1980 atingia a marca de 1 milhão de habitantes e se as lotações máximas dos estádios fossem recorrentes, em um domingo de futebol aproximadamente 20% dos habitantes poderiam estar desfrutando desse tipo de lazer. Sem dúvida que é um exercício de coeficientes extremos, porém demonstra o caráter popular e a potencialidade de mobilizar um grande número de pessoas que possui a dupla Gre-Nal.

A figura a seguir (Figura 08) é uma tentativa de apontar, dentro da atual trama urbana de Porto Alegre, a evolução histórica das áreas ocupadas pelos campos de futebol/estádios de Grêmio e Internacional.



**Figura 08** – Localização dos espaços de Grêmio (em azul) e Internacional (vermelho).

- 1 – Parque Moinhos de Vento (polígono sólido Estádio da Baixada)
- 2 – Parque Farroupilha (não há localização determinada)

- 3 – Estádio dos Eucaliptos
- 4 – Estádio Olímpico Monumental
- 5 – Estádio Beira-Rio
- 6 – Arena do Grêmio

Fonte: Google Earth, 2014.  
Elaboração: César Berzagui.

### 3.2. Um Novo Modelo de Estádio e uma Nova Maneira de Torcer

É notável, de um modo geral, a escalada de preços nos ingressos para as partidas de futebol, o que afeta invariavelmente o perfil do público presente nos estádios. Nesses termos, temos que definir um parâmetro comparativo para sabermos quais estratos compõe as fileiras de torcedores dentro do estádio. No caso do S.C. Internacional, Scherer (2011) nos traz uma abordagem que vai de 1992, ano do último título nacional do Clube, a 2010, na segunda conquista da Copa Libertadores da América. Para o Grêmio *Football* Porto Alegre, vamos buscar em Sirangelo (2009) a evolução dos preços dos ingressos, numa abordagem que vai de 2004 (ano que o clube descendeu à segunda divisão do Campeonato Brasileiro) a 2009. Coincidentemente, ou não, o período que trazem os dois autores acompanha os processos de avanço e aprimoramento do projeto neoliberal no cone sul da

América Latina. Nos dois casos vamos complementar os dados trazidos pelos autores.

No início da década de 1990 o futebol brasileiro ainda não estava habituado às denominações do tipo “Padrão FIFA”, dessa forma ainda havia a oferta de “ingressos populares”, caracterizados quase na sua totalidade por acomodações que não dispunham de muito conforto, sendo geralmente lugares em que os torcedores ficavam em pé. Cabe notar que o Beira-Rio, um pouco ao revés da tendência mundial e nacional, manteve o setor mais popular, a “Coréia”, até 2004, quando as pretensões do Brasil em sediar a Copa do Mundo em 2014 cresciam. Após 2004, tanto para Grêmio como para Internacional, os ingressos mais acessíveis eram dispostos atrás das metas, as chamadas “Geral” no caso do primeiro e “Popular” no caso do segundo.

A “onda” de certificações e “padronizações” FIFA e UEFA ocorrem após sucessivos episódios de distúrbios e mortes de torcedores, tendo como marco principal a tragédia de Sheffield Hillsborough. Após a tragédia que vitimou 96 pessoas foi inaugurado um período de reforma dos estádios britânicos e, posteriormente, foi aperfeiçoado e replicado para tornar-se o padrão de excelência no continente europeu. O chamado Relatório Taylor, encomendado pela administração Thatcher, além de medidas de segurança impôs o padrão *All Seater* (Figura 09), que visava “pacificar” e “humanizar o habitat hostil” no futebol inglês, acabando com a estética grosseira com grades e divisórias nos estádios, em última análise visando coibir a ação dos *hooligans* - que ocupavam justamente aquelas áreas “populares” e segregadas dos estádios (BALE, 2001).

Essa nova ideia de futebol acabou se mostrando eficiente na retirada dos “*barra bravas*” bretões dos estádios, mas o fez não só pelo aprimoramento do policiamento ou na mudança conceitual do arranjo interno dos estádios, o fez pelo incremento significativo do preço dos ingressos. Dessa forma retirou desse ambiente os torcedores menos favorecidos economicamente - aos quais se tornou excessivamente caro ir a uma partida de futebol - que ocupavam também as tribunas populares onde estavam os *hooligans*. Mais tarde, em 2009, ficou comprovado que o ocorrido em Hillsborough, assim como na grande maioria dos outros eventos trágicos, não foi decorrente do “*hooliganismo*”, mas sim da ingerência das autoridades policiais (GIULIANOTTI, 2010).



**Figura 09** - Modelo *All Seater* do novo e a “Coréia” do antigo Beira-Rio.

Fonte: Blog Catimba Colorada e ClicRBS.

Elaboração: César Berzagui.

No caso dos estádios gaúchos temos um exemplo significativo da mudança conceitual dos arranjos arquitetônicos internos. A Coréia do Beira-Rio era uma espécie de valo que circundava todo o campo de jogo; lá os torcedores assistiam o jogo em pé, sem abrigo contra o sol ou chuva, além da visão péssima que tinham do gramado e do jogo. O valor dos ingressos nesse setor era significativamente mais barato se comparado às outras alocações do Estádio, o que alimentava a ideia de que era frequentada exclusivamente por torcedores “pobres”; não raramente de lá vinham os princípios de brigas e o arremesso de objetos estranhos ao jogo (pedras e paus, elementarmente). De certa forma essa exclusividade só se confirmava no campo das ideias, apresentando na realidade uma composição mais democrática - velhos, jovens, mulheres, homens, crianças, negros, brancos, pobres, ricos (SCHERER, 2011).

De fato a importância da Coréia não vem de saber se era composta exclusivamente por esses estratos menos favorecidos da sociedade pós-moderna capitalista, importa mesmo saber é que se caracterizava por ser o único setor do estádio que dava condição real ao torcedor colorado pobre de ir à “cancha”. Para os torcedores gremistas, não existia um espaço símbolo como a “Coréia”, mas até o movimento de aumento de preço dos ingressos no futebol gaúcho e a migração para a Arena, os espaços da Geral se mantiveram relativamente mais populares.

Em meados dos anos 2000 os clubes gaúchos iniciam fortes movimentos na criação de planos de associação, fomentando a diferenciação entre os torcedores comuns e os ditos sócios. Historicamente, por serem clubes, essa figura sempre existiu, contudo nunca foi uma prática comum e difundida, sendo restrita a

personalidades ou torcedores que estivessem dispostos a participar do ambiente político das instituições.

Em 2004, o Internacional passa a investir nesses planos, onde o sócio possuiria vantagens econômicas ao comprar o pacote com direito a assento em todos os jogos no Beira-Rio, ou obteria descontos e/ou preferência de compra dos ingressos. Com o sucesso do Clube no âmbito futebolístico, na conquista de três campeonatos sul-americanos e um mundial, o número de sócios hoje supera os 100 mil, um recorde continental. Com um número elevado de associados, a capacidade do estádio se torna inferior ao número de torcedores que possivelmente podem ir aos jogos, reduzindo ainda mais a perspectiva de “sobra” de ingressos para comercialização, ou seja, o torcedor comum (aquele da antiga Coréia) de adquirir à duras penas uma entrada.

Os planos associativos, no caso do Grêmio, estão relacionados não com o sucesso do clube nos certames futebolísticos, e sim com o rebaixamento para a série B do Campeonato Brasileiro. Se em 2004 o número de associados do clube era algo ao redor de 5 mil, no final de 2006, após um ano do retorno à primeira divisão, era de aproximadamente 30 mil sócios, chegando hoje a casa dos 75 mil.<sup>6</sup>

Se antes da reforma o Beira-Rio tinha a capacidade de 60 mil expectadores, transformando-se em estádio da Copa do Mundo FIFA o estádio passou para 51mil lugares, sendo que 42,5 mil são de administração direta do clube e 8,5 mil da empresa de fim específico BRio. Com esse grande número de “torcedores qualificados” ou associados, na disposição de setores dentro do novo Gigante da Beira-Rio houve conflitos na alocação desses grupos nessa nova configuração de assentos (Figura 10).<sup>7</sup>



Fonte: ClicRBS

**Figura 10** – Setorização do novo Beira-rio.  
Fonte: ClicRBS.

O processo de “gentrificação” dos estádios se repete na configuração dos setores do agora Gigante Para Sempre, uma vez que os melhores assentos (em lilás e verde) são indiscutivelmente os mais caros, dessa forma, destinados ao público abonado, “elitista”. A certeza do movimento de exclusão dos setores populares do Beira-Rio se faz quando comparamos a evolução do preço dos ingressos (Quadro 03) em relação ao percentual do salário mínimo e com a divulgação dos preços dos ingressos para a reabertura do estádio<sup>8</sup> (realizada nos dias 04 e 05 de Abril de 2014), onde a entrada de menor valor foi de R\$ 130,00 para um dia do evento e R\$ 332,00 para os dois. Ainda podemos considerar os R\$ 60,00 do ingresso mais acessível para Inter x Sport pelo campeonato brasileiro 2014<sup>9</sup>. Sem dúvida que os valores do evento de reabertura do Estádio foram excepcionais, mas refletiram o alto valor a ser pago pelo torcedor nesse novo modelo.

Além da quase exclusão da possibilidade de se ofertar regularmente um ingresso mais acessível (não estamos levando em consideração eventuais ingressos promocionais) a nova setorização rebaixa, inclusive, associados do clube que não

estão dispostos a entrar na nova lógica de ocupação do estádio, destinando-os assentos mais distantes do campo, em contraposição ao antigo Beira-Rio, onde ocupavam os melhores assentos.

Ano	Ingresso mais barato	Salário Mínimo	% do S. Mínimo
1992 <sup>1</sup>	Cr\$ 3.000,00	Cr\$ 522.186,94	0,57%
1994 <sup>2</sup>	R\$ 2,00	R\$ 70,00	2,85%
1998 <sup>2</sup>	R\$ 3,00	R\$ 130,00	2,30%
2002 <sup>2</sup>	R\$ 5,00	R\$ 180,00	1,66%
2004*	R\$ 3,00	R\$ 260,00	1,15%
2006 <sup>1/2</sup>	R\$ 12,00	R\$ 350,00	3,42%
2010 <sup>1/2</sup>	R\$ 30,00	R\$ 510,00	5,88%
2014a <sup>3</sup>	R\$ 130,00	R\$ 678,00	19,17%
2014b <sup>4</sup>	R\$ 60,00	R\$ 678,00	8,85%

**Quadro 03** - Fonte: SCHERER (2011) e S.C. Internacional.

\*. Ano em que a Coreia foi extinta.

1/2. Anos em que houve títulos do S.C. Internacional

2. Anos em que se disputou Copa do Mundo.

3. Evento de Inauguração do Novo Beira-Rio.

4. Partida entre Inter x Sport, Campeonato Brasileiro 2014.

Ao que parece, a setorização não foi devidamente discutida com os torcedores do clube nem com os associados, uma vez que surgem através da mídia oficial e alternativa relatos de movimentos independentes dentro do clube que demonstram inconformidade com o projeto. Em uma nota publicada em outubro de 2013 por intermédio do colunista Juremir Machado da Silva de “O Correio do Povo”<sup>10</sup>, assinada por um movimento intitulado “O Povo do Clube”, podemos notar a falta de atenção dada aos torcedores “comuns” que buscam participar do processo de reforma do estádio, e da tentativa de criminalização/degradação da imagem dos grupos que requerem a popularização do estádio.

Para o torcedor tricolor, após a volta à elite do futebol brasileiro, o valor absoluto dos ingressos mais que dobrou, porém se destaca a estabilidade nos preços de 2009 a 2011. Em 2012 se explica o acréscimo no valor médio dos ingressos por ser o último ano do Estádio Olímpico, onde quase todos os jogos foram marcados por ações de marketing. Já com a inauguração da Arena, os

ingressos mais baratos custavam R\$50,00, se mantendo iguais aos praticados no ano anterior (Quadro 04).

Ano	Ingresso mais barato	Salário Mínimo	% do S. Mínimo
2004	R\$ 11,66	R\$ 260,00	4,49%
2005*	R\$ 10,0	R\$ 300,00	3,33%
2006	R\$ 21,66	R\$ 350,00	6,19%
2007	R\$ 33,33	R\$ 380,00	8,77%
2009	R\$ 40,00	R\$ 465,00	8,60%
2010	R\$ 40,00	R\$ 510,00	7,84%
2011	R\$ 40,00	R\$ 540,00	7,40%
2012 <sup>1</sup>	R\$ 50,00	R\$ 622,00	8,04%
2013 <sup>2</sup>	R\$ 50,00	R\$ 678,00	7,37%

**Quadro 04** - Fonte: Sirangelo (2009) e Grêmio *Football* Porto Alegre.

\*. Ano em que disputou o Campeonato Brasileiro Série B.

1. Último ano em que disputou partidas no Estádio Olímpico.

2. Primeiro ano em que disputou partidas na Arena do Grêmio.

Se a análise for feita pura e simplesmente através do valor dos ingressos, não fica evidente o cerceamento da capacidade do torcedor de menor poder aquisitivo acessar o futebol; só poderemos apontar esse movimento se compararmos a disponibilidade de ingressos mais baratos entre a Arena do Grêmio e o Estádio Olímpico. Enquanto no velho estádio se disponibilizavam cerca de 18 mil ingressos de arquibancada, inclusive arquibancadas com visão central do gramado, na nova e moderna Arena são disponibilizados aproximadamente 7 mil ingressos apenas, localizados única e exclusivamente atrás de uma das metas (Figura 11). Cabe ressaltar que no projeto original a área da chamada “Geral” era de aproximadamente 10 mil lugares, contudo, após incidente, as autoridades estaduais solicitaram a instalação de barras antiesmagamento, o que reduziu a capacidade do local.

Todo esse é o panorama da situação atual tanto para gremistas como colorados: remodelação dos antigos *espaços de torcer* e novas categorias de torcedor/consumidor decorrentes dos planos associativos. Acrescenta-se ainda no mesmo movimento a criação compulsória de novos *espaços de consumo*, tais como lojas oficiais, *food trucks* e *produtos exclusivos*, dos quais a estratégia é a “venda casada” do relatado acima. E tais mudanças são significativas.



**Figura 11** – Setorização da Arena do Grêmio.  
Fonte: Grêmio FBPA.

A remodelação dos estádios e de seu entorno modificou paisagens e símbolos que faziam parte da vida das pessoas há significativo tempo, desmontando marcos territoriais e referenciais simbólicos de orientação. Verdade que qualificou as estruturas, em muitos aspectos mais confortáveis para o público em geral se comparados aos antigos estádios, principalmente, há de se fazer referência, aos torcedores com mobilidade reduzida.

No caso Colorado, a localização se manteve a mesma, o que em certa medida reduz o estranhamento inicial e, de certa forma, contribui para o encantamento e sentimento em relação à “nova casa”, afinal, são melhoras estéticas, “monumentalizado” ainda mais o Beira-Rio. Contudo, ao ocupar o espaço interno do novo Gigante, o torcedor não reconhece antigas feições, nem ocupa mais o mesmo lugar de costume. Acrescentemos a isso o alto valor a ser pago pelo ingresso ou plano associativo e temos configurado o sentimento primeiro que pode levar ao estranhamento, alimentando uma carga emocional negativa em relação ao novo espaço, configurando uma curiosa relação de topofilia remanescente e topofobia com o atual estado espacial. Tais manifestações são recorrentes, tomemos como exemplo o supracitado movimento “O Povo do Clube” e o evento “Churrasco do

Povo Colorado”<sup>11</sup> organizado no Parque Marinha do Brasil no mesmo dia do evento de reabertura do Beira-Rio, uma crítica à elitização do estádio.

As manifestações afetivas quando há essa desorganização de referenciais territoriais simbólicos se tornam mais propícias, principalmente quando há um evento catalisador dessas emoções (BALE, 2001). Quando o jogador Fernandão, capitão do time vencedor do Mundial de Clubes em 2006, faleceu em acidente aéreo no dia 07/06/2014, os torcedores do Inter, de forma espontânea, montaram vigília em frente aos acessos e peregrinaram às redondezas do estádio, em pleno período de excepcionalidade e exclusividade FIFA do uso da estrutura, uma semana antes do início da Copa na Cidade (Figura 12).



**Figura 12** – Quadro de imagens do memorial feito pela torcida para o jogador Fernandão.  
Fonte: ClicRBS.

Chegou-se a pedir a liberação de algum setor do Beira-Rio, mas sem dúvida em vão, uma vez que tal tragédia era representativa aos torcedores locais, não ao megaevento. Impedidos de acesso, os torcedores colorados montaram uma espécie de memorial ao ídolo em um pórtico de entrada ao complexo de treinamentos do Clube, materializando o sentimento de perda e afetividade (com o jogador e a instituição) casando a emoção e o lugar. De forma fortuita o torcedor colorado

acabou sentindo simbolicamente nesse trágico evento o que representava receber a Copa do Mundo e o que representou a reforma do Gigante, um espaço que ainda é receptáculo da identidade colorada, um *totem* colorado, mas que agora está restrito ao acesso de quem cumpre certos ritos e condutas – de quem paga para entrar. Ao mesmo tempo comprovou a centralidade/simbolismo do lugar ao se dirigirem ao estádio sem convocação ou estímulo externo frente ao evento extremo.

Para os gremistas a situação é um tanto mais complexa. Fora a mudança no padrão de configuração arquitetônica e interna do estádio, por agora tratar-se de uma Arena Esportiva, com práticas corporais e pontos de visão diferentes de se assistir ao jogo/torcer, temos a mudança completa de localização do clube. Migra-se do bairro Azenha, passados quase 60 anos, ao bairro Humaitá, não tão integrado na malha urbana de serviços da cidade. Acrescente-se no quadro o fermento de uma década sem títulos de expressão, enquanto o rival se igualava ao número de conquistas intercontinentais.

A torcida do Grêmio foi obrigada ao êxodo, transladando a uma nova terra o símbolo maior do clube, a casa ou o templo, onde se ia aos cultos ao menos duas vezes por semana encontrar-se com seus iguais. Nessa nova e estranha Arena, além de pagar mais caro, o torcedor já não reconhecia mais os tradicionais vizinhos de cadeira ou arquibancada, quando não foi obrigado a mudar a orientação privilegiada (centralizada em relação ao gramado) que possuía no antigo Olímpico, que ajudará a construir (ver depoimento no Anexo 01). O sentimento, a topofilia que os torcedores mantinham com o antigo bairro e o estádio, ainda não demolido, sobrepujava o relacionamento ainda incômodo e difícil com a nova situação.

Transcorridos quase dois anos da inauguração da Arena parece que muitas das mudanças já foram assimiladas; os torcedores já desenvolveram trajetos e rotas, já possuem novos pontos de encontro no entorno da Arena e familiarizam-se com os seus novos “vizinhos”, agora de assentos. Persiste, no entanto, a mesma dificuldade dos torcedores de menor potencial aquisitivo em assistirem regularmente as partidas, mantendo-se a lógica dos planos associativos.

Um acontecimento muito recente, que para se comprovar será necessária a observação por mais tempo, leva a crer que a rivalidade com o S.C. Internacional contribuirá para a afirmação da identidade gremista na nova Arena. Sem dúvidas que a ocupação ao longo do tempo faz com que o torcedor se “acostume” com a

mudança e que as vitórias no campo futebolístico aceleram o processo, no entanto se observou após o Gre-Nal disputado em 09/11/2014 pelo Campeonato Brasileiro inúmeras manifestações gremistas de alívio e de “volta da alma” do Clube, da “*Arena agora ter cara de Olímpico*” (ver depoimento no Anexo 02). Elementarmente, se sabe que podem ser manifestações que não venham a confirmar a tese, mas o simples fato de aparecerem, como aconteceu no caso colorado, espontaneamente, dão indícios da mesma transferência simbólica de sentimentos ao lugar.

## NOTAS

- [1]. Sobre o assunto existem inúmeras literaturas. Consultar Bale (2001), Frydenberg (2011), Giulianotti (2010), Mascarenhas (2002) e Soares (2007). Referências completas na bibliografia.
- [2]. GRÊMIO FOOTBALL PORTO ALEGRENSE. **História do Grêmio Football Porto-Alegrense**. Seção na página oficial do clube a respeito de sua história. Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [3]. SPORT CLUB INTERNACIONAL. **O princípio do clube do povo**. Seção na página oficial do clube a respeito de sua história. Porto Alegre Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/pagina.php?modulo=1&setor=1&secao=1&subsecao=>>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [4]. Estádio Olímpico Monumental. **Histórico do Clube no Site Oficial do Grêmio Football Porto-Alegrense**. Disponível em: <<http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=estadio&language=0>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [5]. O maior público do Estádio Beira-Rio ocorreu em 1972 em partido amistoso entre Seleção Gaúcha 3x3 Seleção Brasileira quando Everaldo, campeão mundial em 1970, não fora convocado por Zagallo à Copa Independência. Em partidas do Clube, o maior público é superior a 85mil pessoas. Para tanto consultar:  
GUAZZELLI, C. A. B., A mágoa em chuteiras: gaúchos declaram guerra à seleção brasileira por não convocar os craques locais. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, 16 de setembro, 2009. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/a-magoa-em-chuteiras>>. Último acesso em: 30/04/2014. & REC.SPORT. SOCCER STATISTICS FOUNDATION BRASIL (RSSSF/BRASIL). **Os maiores públicos do futebol no Rio Grande do Sul**. Compilação estatística. Disponível em: <<http://www.rsssfbrasil.com/miscellaneous/attendrs.htm>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [6]. ESTÁDIO VIP. Os clubes brasileiros com o maior número de sócios. **Estádio VIP**, São Paulo, 10 de novembro, 2013. Disponível em: <<http://estadiovip.com.br/futebol/ranking/os-clubes-brasileiros-com-maior-numero-de-socios>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [7]. ERNST, A. Setorização do Beira-Rio manterá área à preços populares, mas deixará mensalidade mais cara para os sócios. **Zero Hora**, Porto Alegre, 11 de outubro, 2014. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/inter/noticia/2013/10/setorizacao-do-beira-rio-mantera-area-a-precos-populares-mas-deixara-mensalidade-mais-cara-para-o-socio-4298346.html>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [8]. **Festa Gigante**. Site informativo sobre festa de inauguração do Estádio Beira-Rio. Disponível em: <<http://www.festagigante.com/#intro>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [9]. Ingressos para Inter x Sport. **Site Oficial do "S.C. Internacional"**. Disponível em: <<http://www.internacional.com.br/socios/pagina.php?modulo=14&setor=151&codigo=22882>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [10]. SILVA, J. M.. Torcedores protestam contra elitização do Beira-Rio. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 de outubro, 2013. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/?p=5184>>. Último acesso em: 30/04/2014.
- [11]. **Colorados usam até carrinho de mão no 'churrasco do povo' no Beira-Rio**. <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/04/06/colorados-usam-ate-carrinho-de-mao-no-churrasco-do-povo-no-beira-rio.htm> (último acesso em 30/04/2014).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS (Resultados da Copa que se sentem – ou que assistam sentados)**

A Copa do Mundo FIFA, representação que caracterizamos como resultante dos movimentos superiores da economia pós-industrial ou globalizada, catalisou e movimentou inúmeros fluxos de capitais econômicos. Esse movimento econômico se “apropriou” do apelo emocional do futebol para colonizar novas áreas de urbanização da cidade, no caso do Humaitá, e remodelação de outras, no caso do entorno do Beira-Rio, antiga área dos Eucaliptos e futuramente do Estádio Olímpico. Durante o mundial, movimentou a economia regional, somente a título de exemplo, restaurantes, bares e hotéis. Catalisou também energias em novas e renovadas lutas por moradia, mobilidade urbana e justiça social. No futebol, quais consequências trouxe o Mundial FIFA? A melhoria, inegável, das estruturas?

Retomemos a ideia que Bale traz de Tuan, a dimensão afetiva da relação que os grupos estabelecem com os lugares e a apliquemos ao que vimos até agora. As grandes mudanças estéticas que a Copa do Mundo trouxe aos estádios de Porto Alegre não são em nada parecidas ao que os torcedores estavam acostumados. Os espaços internos dos estádios, agora transformados em áreas de consumo e *minishoppings*, eram espaços sumariamente de confraternização onde se encontravam amigos, pais e filhos, companheiros ou até mesmo, a ideia de se congregarem com a comunidade imaginária de torcedores de um mesmo clube. A maneira de agir dentro desses espaços era muito mais relacionada ao que podemos chamar de extravasamento emocional do que os agora aplicados códigos de conduta e de contenção emocional ou de comportamento “socialmente correto”.

O Beira-Rio conservou a sua posição e localização, não desviando o caminho dos sentimentos colorados; seu torcedor sabe para onde deslocar sua representação simbólica. Dentro do estádio, no entanto, aparecem as dificuldades de se ambientar e reconhecer os marcos espaciais (a curva do boné, o lugar que os amigos se concentravam, a os assentos que coincidiam com a linha da grande área, ali onde Figueroa fez o gol iluminado).

Agrava-se no caso gremista, a mudança radical não somente no modelo de estádio, como também do próprio estádio. As referências paisagísticas da torcida

tricolor, os caminhos que levavam até o campo, os tijolos do estádio, o lugar que o torcedor ocupava que lhe proporcionava a visão do gramado, enfim, todos os aspectos que lhe eram familiares – a sua relação “topofílica” – foi desfeita. O seu lugar, o receptáculo das emoções da comunidade gremista, já não existe mais.

Contudo, o sentimento de repulsa ou temerário, a “Topofobia”, representada pela rivalidade Gre-Nal, às avessas pode contribuir no ressurgimento da “Topofilia” gremista e no eventual estranhamento da torcida colorada com a sua nova estética. Espontânea ou induzida, a “grenalização” das pautas não acirra somente a discussão nos meios de imprensa e política, mas em tese reforça a identificação dos torcedores com os novos estádios através da alteridade.

A nossa ideia inicial era apresentar um quadro de evolução da cidade a fim de explicar as razões da realização da Copa do Mundo FIFA em Porto Alegre, apontando discussões iniciais que poderiam indicar a desestruturação do lugar dos torcedores. Assim, em linhas gerais, os fluxos da economia superior representados pela Copa surgiram como grande oportunidade para as cidades e os clubes atualizarem as suas estruturas e ganharem visibilidade mundial, configurando assim o discurso do chamado legado positivo. O que vimos no caso específico dos estádios foi uma modificação estrutural e psicossocial que ainda não podemos dimensionar fielmente. Quais são as “contrapartidas” que a sociedade e os torcedores terão que dar nesse novo modelo? Qual será o modelo de Cidade que está em questão (a urbanização que tolhe as particularidades, ou a tradição da cidade de democracia participativa)? Da mesma forma, como será afetada definitivamente a torcida do Tricolor e do Colorado?

Esses são questionamentos que a sociedade talvez se imponha futuramente, ou simplesmente quiçá o espaço necessário para esse tipo de discussão apareceu tardiamente. Por mais que seja tarde, é salutar notar que existam dentro do futebol - que não é alheio à sociedade - vozes que questionam (e há mais tempo do que se imagina) os movimentos de exclusão/exclusividade que tem se apresentando nesse período pré-megaeventos. Se no Brasil for tomado o mesmo curso do modelo aplicado aos estádios europeus, sem adaptar o projeto às condições reais do torcedor brasileiro, a insígnia “*O Clube do Povo*”, ou do futebol como esporte popular, será apenas uma medalha antiga, passando a travestir-se de “*O Povo do Clube e o Estádio de Poucos*”.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALE, John. **Sports, Space and The City**. Reprint – USA, Caldwell, New Jersey: The Blackburn Press, 2011, p.211.

CASTRO, Iná Elias de. O problema da Escala. *In*: CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C.; CORRÊA, Roberto L. **Geografia: conceitos e temas**. 2ª. Ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 117 – 140.

CLAVAL, Paul. **Terra dos Homens: a geografia**. Tradução Domitila Madureira. 1ª. Ed., 1ª. Reimpressão, São Paulo: Contexto, 2014. 143.p.

FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. Desigualdade Regional no Brasil Desigual. **GEOgraphia** (UFF), v.12,p. 122-148, 2010. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewFile/386/305> (último acesso em 03/11/2014).

FRYNDENBERG, Julio D.. **Historia Social del Fútbol: del amateurismo a la profesionalización**. 1.a Ed. – Argentina, Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2011, p.301.

GIULLIANOTTI, Richard. **Sociologia do Futebol: dimensões socio-culturais e históricas do esporte das multidões**. Richard Giulianotti ; tradução de Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes – São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p. 248.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, 2002, p. 84-92.

MARTINS, Danielle Paula. **O Humaitá de ontem, de hoje e de amanhã: as transformações socioambientais de um bairro de Porto Alegre, RS**. Porto Alegre: UFRGS/PPGEA (Dissertação de Mestrado em Geografia), 2010.

PEREIRA, Gabriel Langie. **Indícios para uma outra explicação: o movimento de integração econômica entre as regiões do Rio Grande do Sul durante a Primeira República, 1889-1930**. Porto Alegre: FEE, 2006. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/3eeg/Artigos/m18t04.pdf> (último acesso 03/11/2014).

**Portal Oficial do Governo do Rio Grande do Sul para a Copa do Mundo da FIFA 2014** - <http://www.copa2014.rs.gov.br/idioma/1/Portugu%C3%AAs> – (Último Acesso em 30/04/2014)

**Portal da Transparência Copa 2014 – Governo Federal** - <http://www.transparencia.gov.br/copa2014/cidades/home.seam?cidadeSede=8> - (Último Acesso em 30/04/2014)

RECKZIEGEL, Ana M.M.. **BETAMEMÓRIA: o blog e a folksonomia como ferramentas de preservação do patrimônio ferroviário**. Porto Alegre: UFRGS (TCC em Biblioteconomia), 2010.

SANTOS, Milton. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2ª Ed., São Paulo: EDUSP, 2004, p. 433.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura; **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. 9ª ed. São Paulo: Editora Record, 2006, p. 473.

SCHERER, M. I. **Modernização do Estádio Beira-Rio no contexto das políticas neoliberais nos anos 1992-2010**. 2011. 57 f.. Trabalho de Conclusão (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UFRGS, Porto Alegre, 2011.

SINGER, Paul I.. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana: análise da evolução econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife**. São Paulo: Editora Nacional, 1977, p.141-198.

SIRANGELO, P. R. **Análise da alteração da classe social predominante nos estádios de futebol a partir do jornal Correio do Povo: o Grêmio e a reelitização**. 2009. 81f.. Trabalho de Conclusão (Bacharelado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas UFRGS, Porto Alegre, 2009.

SOARES, Antonio J.. **História e a invenção de tradições no futebol brasileiro in A invenção do país do futebol: mídia, rala e idolatria**. HELAL, Ronaldo, SOARES, Antonio J. & Lovisoló, Hugo. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 13 – 50.

SOARES, Paulo R. R.. **Metamorfoses da Metrópole Contemporânea: considerações sobre Porto Alegre**. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 20, 2006, p. 129 – 143.

SOMMER, M. F.. **Territorialidade Negra. A herança africana em Porto Alegre: uma abordagem sócio-espacial**. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 2011.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012, p. 342.

**ANEXOS**

ANEXO 01 – Depoimento de Torcedor Gremista .....	53
ANEXO 02 – Depoimento de Torcedor Gremista .....	54
ANEXO 03 – Breve relato de percepções nos Jogos da Copa em Porto Alegre .....	55

ANEXO 01

**DE FORA DA ÁREA**  
deforadaarea@zerohora.com.br

**Mario S. Ferreira**  
Arquiteto, professor universitário, sócio do Grêmio

**QUE O OLHO NÃO SEJA MAIOR QUE A BARRIGA**  
Como sócio proprietário, desde 1993, venho acompanhando atentamente os desdobramentos para aquisição definitiva da Arena. Por outro lado, tenho lido na imprensa, seguidamente, os esforços do clube e de nosso co-irmão no sentido de vender os espaços "mais caros" dos respectivos estádios. Tenho amigos colorados e o lamento acerca dos espaços destinados aos sócios, nos nossos atuais complexos esportivos é o mesmo.

Ora, os sócios e os não-sócios, porém assíduos frequentadores, ocupavam e lotavam frequentemente estes locais "mais caros", quais sejam as sociais, gerais e coréias, localizadas a oeste e leste, respectivamente. Estavam sempre lotadas em grandes decisões e até mesmo em jogos de menor importância. Os torcedores eventuais e visitantes ocupavam, até então, setores norte e sul destes estádios. Os estádios da dupla Gre-Nal, de natureza privada, foram inicialmente construídos, principalmente, com auxílio e doações de sócios e não-sócios apaixonados. Como retribuição, foram destinadas a este público as áreas de melhor visibilidade. Assim, durante muito tempo, estas "áreas caras" foram efetivamente ocupadas por nós, assíduos torcedores e contribuintes. Muito dinheiro? Pouco dinheiro? Não importa, receita

De segunda-feira a sábado, esta seção debaterá futebol e outros esportes, com novos nomes e ideias

garantida toda quarta, sábado e domingo. Na nova Arena, para onde fomos nós, os abnegados sócios proprietários em dia com o clube? Exatamente para o sul e para o norte. Nós sócios gremistas, "jogadores de goleiro", para o Grêmio e para o visitante. Assistimos aos jogos como muito anuamente eram filmados. A partir da visão do goleiro. De novo repito, "zona cara" tinha "cara de social" e receita garantida. Trocou-se o certo pelo duvidoso. Meu pai, que me transferiu seu título em 1993 e pediu que um dia transferisse para meus filhos, frente a esta sede de arrecadação até agora não obtida, teria sido metafórico: "Que o olho não seja maior que a barriga". Hoje, diferentemente do Olímpico, os espaços ocupados pelas antigas "geral" e "social" apresentaram-se vazios na Arena.

Alguns sócios começaram a trocar mensalidade do clube por pay-per-view. Ainda reluto e sinto vontade de ir ao estádio, comer churrasquinho de gato ou um entreeiro e tomar uma cerveja rapidinha antes de entrar na Arena. Sou responsável pela contribuição de quatro mensalidades, eu e três dependentes. Um clube existe a partir de associados. Nesse momento de transição de gestão no clube, acredito que deve haver uma reflexão, no sentido de devolver aos sócios e frequentadores assíduos os lugares agora definidos como "caros". Se os espaços vazios e caros forem efetivamente ocupados acredito que a variável custo da velha equação na lucro/preço/custo será resolvida. Não existe custo maior, financeiro e institucional, do que o espaço vazio, desocupado.

**Não existe custo maior do que espaço vazio**

*Jornal Zero Hora Edição impressa Pg 42-43 - Quinta-feira 22/10/2014*

Anexo 01 – Recorte do Jornal “Zero Hora” edição impressa do dia 22/10/2014, p. 42 – 43. Espaço aberto à colunas de leitores.

## ANEXO 02



Grêmio  
3 h · 🌐

### A ALMA DA ARENA

Sou daqueles torcedores que, salvo raras exceções, tô sempre presente nos jogos do Grêmio. Confesso que nas primeiras partidas de 2013 não me sentia totalmente em casa. Tentava me convencer que aquilo era Grêmio, mas parecia outra coisa. Parecia temporário. Parecia que a qualquer momento o Olímpico seria reativado e aquela divertida aventura no Humaitá teria um fim. Parecia que era da OAS mesmo. A Arena tem até LOGOTIPO. O Olímpico não tinha. A gente dizia que ia "lá no Grêmio". Olímpico e Grêmio eram a mesma coisa. Difícil se adaptar a essa mudança brusca.

Passaram-se dois anos. Hoje já tenho meu bar "de sempre" no entorno da Arena. Meus amigos e eu já sabemos onde fazer aquele churrasquinho preliminar. No começo ficávamos meio perdidos. Já sabemos o melhor caminho, o melhor ônibus, o melhor lugar pra deixar o carro. Já entendemos melhor os setores da Arena. Alguns já mudaram de lugar, outros já se acostumaram com suas escolhas. Muitos já criaram novos amigos de setor. E assim vamos: "é no andar da carruagem que as abóboras se ajeitam".

E em campo? Um jogo épico contra a LDU, pra desvirginar a gigante do Humaitá. Outra jornada épica contra o Corinthians numa Copa do Brasil... E não muito mais que isso. Esparsas emoções. Algumas tristezas também. Mas já se via alguma história sendo escrita por ali. Só que faltava algo. Faltava ganhar Gre-nal! É ou não é nossa casa? Na nossa casa, quem manda somos nós. Sempre foi assim. Podia ser de meio a zero, mas tinha que ser nosso esse Clássico 403.

E foi de goleada. Um dos melhores Gre-nais dos últimos tempos para o Grêmio. Um dos maiores da HISTÓRIA DO CLÁSSICO. Épico. E onde? Na Arena. Uma explosão em azul, preto e branco no bairro do Humaitá. Uma torcida de alma lavada. Uma torcida fazendo a festa em sua casa. Talvez a maior festa da história dessa casa. Festa que nem o saudoso Olímpico Monumental conseguiu ver nos seus últimos anos de vida.

Eis que hoje cedo me deparo com um tweet emocionado do meu amigo Márcio Neves, competentíssimo assessor de imprensa do Grêmio: "Depois de 16 anos, hoje é meu último dia de Estádio Olímpico. Amanhã a rotina recomeça na casa nova. A ficha começa a cair".

Falei com o Márcio pra entender. Comunicação e Marketing estão indo amanhã (13) pra Arena. Outros setores já foram. Alguns ainda irão, aos poucos. Até o fim do ano o Grêmio inteiro - operacional e administrativo - deve estar lá. Talvez o futebol seja o último a migrar: alguns treinos seguirão na Azenha por mais tempo.

É isso. Não é do dia pra noite. Mas já me sinto em casa na Arena. Já tem cara de casa. Já tem cara de Grêmio. A mudança do clube como um todo pra lá vai acelerar muito esse processo. Bem como uma saranda num Gre-nal decisivo de Brasileirão.

A alma tá lavada. E tá, cada vez mais, pelas bandas do Humaitá.

Saudações azuis, pretas e brancas.

Lucas von Silveira.

### **ANEXO 03 - COPA DO MUNDO FIFA 2014 EM PORTO ALEGRE: BREVE RELATO E PERCEPÇÕES.**

A Copa do Mundo no Brasil teve suas partidas disputadas no intervalo de um pouco mais de um mês – 12 de Junho a 13 de Julho. Na Cidade de Porto Alegre, embora durante todo o período do Mundial se manteve a realização da *Fan Fest*, os jogos se estenderam de 15 à 30 de Junho. Foram 15 dias diferentes para a capital gaúcha. Diferentes na acepção mais ampla da palavra, não somente no que diz respeito ao “ânimo” da cidade com os visitantes, com a ocupação intensiva dos bairros tradicionalmente boêmios, ou negativamente, com os registros de contenção policial das manifestações (pequenas, é verdade) contrárias ao evento e a confirmação do que em algum momento nós chamamos de “legado negativo”. Diferentes porque nesse curto intervalo de tempo, a realização do Mundial pode ter deixado marcas profundas no que se entende por torcer, ou no que se entende por torcedor.

O torcedor tradicional aqui entendemos como aquele que acompanha rotineiramente aos jogos do seu clube e o futebol nos estádios; ele (ou ela, embora seja comprovadamente um ambiente mais masculinizado) está acostumado às aglomerações e parece mais habituado ao ambiente do jogo (entoa cânticos, não raramente tira a camisa, faz provocações ao adversário ou não se incomoda com tais provocações). Em suma, é uma pessoa que age naturalmente dentro desse contexto, e dentro de um padrão histórico, esse torcedor paga, quando muito, exagerados R\$ 50,00 por um ingresso. Sabemos que um jogo de Copa do Mundo para um aficionado por futebol é um evento especial e “se come um prato a menos”, mas para se ter uma ideia, durante o Mundial de 2014, as entradas mais acessíveis eram R\$ 60,00 (ou R\$ 30,00 para beneficiários de programas sociais do Governo, idosos ou estudantes). Sem dúvida a questão econômica, aliada a uma baixa oferta desses ingressos mais baratos, foi um primeiro impeditivo à presença de uma manifestação mais próxima do ambiente real de uma partida de futebol em um estádio de Porto Alegre.

Das cinco partidas disputadas no Estádio Beira-Rio, acompanhei *in loco* três (Austrália VS Holanda, Argentina VS Nigéria e Alemanha VS Argélia). Fiz o caminho à pé, observando o deslocamento dos que iam ao jogo e de quem, de uma forma ou outra, queria acompanhar o evento: curiosos, torcedores sem ingressos, vendedores ambulantes.



**FOTO 1** - Registros do deslocamento ao Estádio. Arquivo Pessoal.

O caminho ao Beira-Rio estava dividido em áreas de controle, e era visível, a medida que se restringia o acesso, a mudança no perfil do público e nos quiosques ao longo da caminhada. De opções mais acessíveis economicamente, como a cerveja de marcas mais baratas e os típicos “churrasquinhos”, se caminhava em direção ao padrão FIFA das cervejas dos patrocinadores e dos “food trucks” servindo café expresso e sushi. Dos trajets do dia a dia e do cidadão médio, se caminhava ao lado de pessoas “ornamentadas” com as cores dos países envolvidos ou arrumadas como se estivessem a caminho de uma festa com padrão de consumo elevado. De fato, um grande evento. Nos torcedores estrangeiros, dos países envolvidos nos duelos, era notável a alegria e a expectativa. No público local, arrisco dizer, nem todos eram torcedores habituais, muitos talvez acessando um estádio de futebol pela primeira vez.

A apropriação do espaço pelos estrangeiros me pareceu mais “natural”, mais habituada em atuar naquelas circunstâncias, entoando cânticos, atentos aos movimentos do jogo. Parte-se do princípio de que esse “turista” é elementarmente um aficionado pelo futebol. Em contraposição ao argumento do “Mundo Civilizado do Futebol estrangeiro” apregoado por parcela dos comunicadores e do senso comum, grande parte dos torcedores Alemães, Holandeses e Australianos assistiu aos jogos em pé e muitos sem camisas, contrariando as regras de conduta impostas e solicitadas reiteradamente aos torcedores locais.



**FOTO 2** – Registros das diferentes estruturas de serviços. Arquivo pessoal.

No caso do público local, sem dúvida foi salutar a presença de um público não habitual nos estádios, mas o Mundial tem o caráter de evento (e ainda é um jogo de futebol, por incrível que possa parecer) e por mais que algumas experiências tenham sido interessantes e realmente agradáveis, não podemos tomar como exemplo para a organização do nosso futebol local a Copa do Mundo, como se ouviu de inúmeros nativos naquele dia.



**FOTO 3** – Torcedores estrangeiros assistindo aos jogos em pé. Arquivo Pessoal.

Para um torcedor habitual, por mais fanático que possa ser, arcar com os custos de R\$ 600,00 ao mês para estar presente em três ou quatro partidas é algo quase, para não dizer totalmente, fora da realidade dos nossos clubes. Podem ser feitos estudos de mercado ou de poder aquisitivo dos torcedores, mas historicamente é um esporte ligado às parcelas mais populares. Além disso, o futebol não se presta totalmente à “espetacularização”, em uma série de revezes e

repetidos placares de 0x0 o jogo perde em atratividade, sendo difícil passar a competir com cinemas estilo “*blockbuster*”, shopping ou bares conceituais. Não posso deixar de ressaltar, nessa comparação com ambientes de acesso mais elitizado, o perfil aparente do público presente (depois confirmada tal percepção por pesquisa do Instituto Datafolha na partida entre Brasil x Chile, no Mineirão)<sup>#</sup>, mulheres com salto alto e muito bem arrumadas e rapazes de camisa polo, os quais seriam completamente destoantes num contexto de uma partida normal em qualquer estádio.

Não quero dizer com esse tipo de percepção que tais ocorrências durante o mundial foram boas ou ruins, mas estavam lá de forma “díspar” na retina de observador, mais acostumado ao “ambiente natural” do futebol na cidade. Ainda estão sendo assimiladas as experiências com a Copa, mas despontam de forma mais proeminente no atual momento tais discussões relacionadas a ocupação dos estádios.

#### NOTA

# “**Branco e Ricos são maioria na torcida no Mineirão, diz Datafolha**”. Portal de Notícias do Jornal “Folha de São Paulo”. <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/06/1478120-brancos-e-ricos-sao-maioria-na-torcida-do-brasil-no-mineirao-diz-datafolha.shtml> (último acesso em 10/07/2014)